

**GABRIELA ALMEIDA DE SOUZA**

**ORAÇÕES CONDICIONAIS  
CORRELATIVAS NO PORTUGUÊS**

**TRÊS LAGOAS - MS**

**2015**



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**UFMS – CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS**



**GABRIELA ALMEIDA DE SOUZA**

# **ORAÇÕES CONDICIONAIS**

## **CORRELATIVAS NO PORTUGUÊS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos) do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem/Linguística.

Orientador(a): Prof(a). Dr.(a). Taísa Peres de Oliveira

**TRÊS LAGOAS - MS**

**2015**

A Deus, aos meus pais e ao meu esposo

dedico este trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, primeiramente, o qual me permitiu chegar até aqui.

Aos meus pais, por todo incentivo e apoio.

Ao meu esposo pela paciência, incentivo e tolerância.

Ao professor Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, o primeiro a me incentivar e direcionar para o mundo da pós-graduação.

A minha orientadora, professora Dra. Taísa Peres de Oliveira, por toda orientação, incentivo e colaboração para realização de todas as etapas desse trabalho.

Ao professor Dr. José Antonio de Souza, por ser tio, colaborador, consolador, e incentivador desse meu sonho.

As professoras Dra. Solange de Carvalho Fortilli e Dra. Joceli Catarina Stassi Sé pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação.

A todos os meus professores da graduação, os quais construíram o meu alicerce para que eu pudesse chegar até onde cheguei.

## RESUMO

SOUZA, Gabriela Almeida. Orações condicionais correlativas no português. Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2015. 111f (Dissertação de Mestrado)

Este trabalho tem como tema o estudo das construções condicionais correlativas hipotéticas cuja estrutura é “se p, então q” ou “se p, aí q”. A análise se baseia nos paradigmas funcionalistas propostos, principalmente, por Butler (2003), Neves (2012), Hirata (1999), Oliveira e Hirata-Vale (2011) por meio dos quais a linguagem é observada considerando-se o seu uso em contextos efetivos de comunicação. O objetivo geral da pesquisa é descrever a manifestação das construções condicionais correlativas hipotéticas das estruturas “Se p então q” e “Se p aí q” no português falado e escrito utilizados entre os séculos XX e XXI. Como objetivos específicos, esperamos mostrar que no uso da língua os falantes têm à disposição uma gama de possibilidades para a expressão da condicionalidade; que há determinados fatores sintáticos e semânticos que motivam a interpretação condicional de algumas construções; que a escolha de uma dada construção está vinculada a questões pragmático-discursivas; que cada escolha codifica determinada função aos termos dessas orações. Diante de tal propósito, utilizaremos como parâmetros para especificar nosso objeto os domínios cognitivos; os graus de hipoteticidade; formas verbais da oração núcleo; formas verbais da oração condicional; e a ordem nas construções condicionais. Por meio de nossas análises, podemos obter uma caracterização desse tipo de construção no português, abrangendo tanto a modalidade falada quanto a modalidade escrita da língua. Além disso, espera-se que possamos contribuir de modo efetivo para os estudos sobre a linguagem, apresentando a real complexidade da língua e do seu uso. Nossas análises evidenciam que as construções condicionais correlativas hipotéticas manifestam sentidos diferentes e específicos em determinados contextos, portanto, não podem ser consideradas como equivalentes às condicionais tidas como canônicas, uma vez que as condicionais correlativas hipotéticas manifestam sentido e estrutura diferentes daqueles que são manifestos pela condicional canônica. Foi possível perceber que essas estruturas correlativas manifestam um valor bicondicional, o qual não está necessariamente presente no sentido das condicionais canônicas, além do sentido, o comportamento das condicionais correlativas hipotéticas é distinto daquele que se observa nas demais condicionais quando considerada a ordenação das orações. Por meio dessa pesquisa evidenciou-se que as condicionais correlativas hipotéticas devem ser consideradas como um outro tipo de condicional, o qual apresenta estrutura e sentido mais específico, uma vez que nessas condicionais a relação entre a prótase e a apódose é mais estreita.

**Palavras chaves: Funcionalismo, Condicionais, Português falado e escrito.**

## ABSTRACT

SOUZA, Gabriela Almeida. Conditional Correlative Clauses in Portuguese. Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2015. 111f (Master's Thesis).

This work aims to study the hypothetical conditional correlative clauses whose structure is "se p, então q" or "se p, aí q"(if-then conditionals). The analysis is based on the Functionalists paradigms proposed by Butler (2003), Snow (2012), Hirata (1999), Oliveira and Hirata-Vale (2011) in which the language is observed considering its use in effective contexts of communication. The overall objective of the research is to describe the correlative hypothetical conditional constructions of structures like "se p então q" and "se p aí q"(if-then conditionals) in spoken and written Portuguese language that was used between the XX and XXI centuries. As specific objectives, we hope that the studied parameters could show that the speakers, in the usage of the language, have at their disposal a range of possibilities for the expression of conditionality; that there are certain syntactic and semantic factors that motivate the conditional interpretation of some sentences; that the choice of a certain structure by the speaker is linked to pragmatic-discursive questions; and, that each choice encodes certain function to the terms of these sentences. According to such purpose, we will use as parameters to specify our object, the degrees of hypothesis, time and manner of the sentences nucleus, time and manner of main sentence mode, the preferred order of occurrence, the areas of activity of the conditional sentence in terms of Sweetser (1990), and the informational status of protases and apodoses. Through our analysis, it is possible to get a characterization of this type of construction in Portuguese, covering both the spoken and the written form of the language. Furthermore, it is expected that we could effectively contribute to the language studies, displaying the real complexity of the language and its use. Our analyzes show that the hypothetical correlative conditional constructions manifest different and specific meanings in certain contexts, and because of this, it can not be considered equivalent to the conditional sentences regarded as canonical, since the hypothetical correlative conditional manifest a different sense and structure from that which is manifested in the canonical conditional. It was revealed that these correlative structures manifest a bicondicional value, which is not necessarily present in the sense of the canonical conditional. In addition, the behavior of the hypothetical conditional correlative is distinct from that observed in the other conditionals, when it is considered the order of the sentences. Through this study it was evidenced that the hypothetical correlative conditional should be considered as another type of conditional, which has a more specific structure and sense, since the conditional relationship between the protases and apodoses is narrower.

**Key words: Funcionalism, Conditionals, spoken and written Portuguese.**

“Eu não sou tão forte quanto eu previa, nem tão fraca quanto eu temia. Não tenho o passo rápido como eu gostaria, nem paraliso como poderia. Aprendi a me equilibrar nos extremos. Se não tenho o direito de escolher todos os acontecimentos, me posiciono de acordo com os fatos. No final, o que me move não é forte o suficiente para me derrubar, mas é intenso o bastante para me fazer ir além”.

(Fernanda Goana)

“Uma grande história é feita de grandes desafios, que são conquistados com grandes esforços, formados de grandes sonhos e vindos de um grande Deus.”

(Autor Desconhecido)

# SUMÁRIO

<i>Lista de Tabelas e Quadros</i>	18
<b>0. INTRODUÇÃO</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>24</b>
1.1. Caracterização geral do funcionalismo	24
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>2. AS ORAÇÕES CONDICIONAIS</b>	<b>37</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>3. METODOLOGIA</b>	<b>53</b>
3.1. O material de análise	53
3.2. Dos parâmetros de análise	54

<b>CAPÍTULO IV</b>	
<b>4. ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS</b>	<b>56</b>
4.1 Grau de hipoteticidade	59
4.2 Domínios de atuação da oração da oração condicional	67
4.3 Posição da oração condicional	78
4.4 Tempo e modo verbal da oração condicional	80
<b>5. CONCLUSÃO</b>	<b>100</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	<b>106</b>

## Lista de Tabelas e Quadros

*Tabela 1 - Dinamismo da gramática (NEVES, 2012, p. 54)*

*Tabela 2 – Total de ocorrências das condicionais correlativas.*

*Tabela 3 – Graus de hipoteticidade*

*Tabela 4 – Domínios de atuação.*

*Tabela 5 – Correlações modo-temporais na estrutura “Se p então q” na fala.*

*Tabela 6 – Correlações modo-temporais na estrutura “Se p aí q” na fala.*

*Tabela 7 – Correlações modo-temporais na estrutura “Se p então q” na escrita.*

*Tabela 8 – Correlações modo-temporais na estrutura “Se p aí q” na escrita.*

*Quadro 1 – Escala de abstratização e intersubjetividade (OLIVEIRA, 2014, p.09)*

*Quadro 2 – Escala de tipos de condicional conforme Oliveira (2014, p. 09)*

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema as construções condicionais correlativas, cuja estrutura básica pode ser interpretada a partir da estrutura “se p, então p” ou, ainda, “se p, aí q”, tal como nos exemplos abaixo:

- (1) *“Ou seja, o Executivo, usando da permissão que lhe foi dada pela emenda constitucional número três de 1993, vai certamente propor junto ao Supremo uma ação declaratória de constitucionalidade a favor da revisão constitucional. **SE** houver, **ENTÃO** já podemos fechar os livros e guardar a Constituição na estante das obras sem função. OP - O próprio presidente do Supremo adiantou que não será contrário ao Congresso Revisor.. FKC - Mas ele falou em nome dele”. (19Or:Br:Intrv:Pov)*
- (2) *“... o cara bem maior que ele né?... Aí começou a ti/ chamar meu irmão de ruim né? -- “ah cê é ruim” -- que num sei que tem né?... só que ele chamou umas duas três vezes e o meu irmã::o... aí meu irmão já falou assim-- “ ah **SE** é pra zoar **ENTÃO** vamos zoar né?”-- Aí meu irmão saiu fora o moleque falou pro meu irmão sair né? Aí meu irmão começou zoar e quando ele saiu fora meu irmão num parou de zoar continuou zoando ((risos)) -- ah fica sentado aí cala boca” -- e continuou jogando... (AC-015;NR: L 420-425)”*

As orações condicionais correlativas aqui estudadas diferenciam-se das orações condicionais tidas como canônicas pelo fato de constituírem-se por meio da estrutura “Se p então q” e “Se p aí q”. É possível perceber que nessas orações os correlativos “então” e “aí” estabelecem uma relação mais estreita entre as duas orações, pois cumprem o papel de elemento anafórico, tornando mais claro e específico o tipo da relação semântica entre as duas orações.

A presença dos elementos “então” e “aí” contribuem significativamente na interpretação do significado das orações condicionais correlativas. A diferença fundamental entre uma oração condicional tida como canônica e uma oração condicional tida como correlativa é que na primeira a condição descrita pela prótase é uma condição suficiente para que a apódose se realize ou conclua; já na segunda a condição descrita pela condicional é necessária, indispensável para que a apódose ocorra.

Toma-se, como *córpus* de análise, textos do português referentes a modalidade falada e à modalidade escrita, produzidos entre os séculos XX e XXI. A análise baseia-se, essencialmente, nos pressupostos teóricos da abordagem funcionalista da linguagem propostos por Neves (2001; 2012), Butler (2003), Halliday (2004), entre outros, e nos fundamentos sobre subjetividade sugeridos por Dancygier e Sweetser (1997, 2005).

O funcionalismo aqui abordado apresenta-se sem filiação exclusiva, ou seja, não será adotado um modelo funcionalista específico. O trabalho fundamenta-se nos princípios funcionais, os quais, estão presentes em qualquer perspectiva funcionalista da linguagem. Em termos gerais a análise funcional da língua compreende a explicitação da gramática da língua em função.

A validade desse trabalho evidencia-se pela observação de Oliveira (2008), a qual argumenta que, pelo fato de as construções condicionais manifestarem sentidos diferentes e específicos em determinados contextos e atenderem a propósitos comunicativos distintos, não podem ser consideradas como equivalentes, o que implica a necessidade de um modelo de análise que permita considerar a real complexidade dessas construções nas situações de uso efetivo da linguagem.

Diversos estudos apresentam as construções condicionais como objeto de descrição. De modo geral, já foram estudadas tanto aquelas que se realizam por meio da conjunção prototípica “se” como aquelas introduzidas por uma conjunção diferente de “se” ou locução conjuntiva. No entanto, um tratamento ausente nessas análises é aquele que contempla a estrutura “se p, então q” e sua correlata, “se p, aí q”.

As orações condicionais com estrutura correlata apresentam, além da estrutura, um sentido diferente daquele codificado pela condicional canônica. Essas estruturas com os correlativos “então” e “aí” apresentam uma diferença significativa no sentido das condicionais na medida em que trazem consigo o valor bicondicional, o qual não está necessariamente presente nas condicionais canônicas. O valor bicondicional tem o sentido de “se e somente se” ou seja, “somente e unicamente em determinada condição tal coisa se realiza”.

Conforme observado por Oliveira e Hirata-Vale (2011), a presença do “então” faz emergir o valor bicondicional, o qual não está necessariamente presente nas condicionais canônicas, evidenciando a necessidade de se considerar as orações condicionais correlativas hipotéticas como um tipo peculiar de condicional.

Algumas evidências são apresentadas pelas autoras que reafirmam a relevância de considerar as correlativas hipotéticas como um tipo diferente de construção

condicional: i) nas construções com “então” não somente a conjunção “se” é semanticamente produtiva, ao contrário das demais conjunções que é possível usar em uma estrutura condicional padrão; ii) nessas construções o “então” está perdendo o seu caráter adverbial e sua função anafórica, no entanto, está passando por um processo de gramaticalização, ainda não completo semelhante ao que passou a conjunção “logo”<sup>1</sup>; iii) há uma diferença significativa na leitura das condicionais marcadas pelo “então”, a presença desse correlativo estabelece uma relação mais estreita entre as orações, relação essa que é muito semelhante a que se encontra nas orações denominadas bicondicionais. Há, portanto, nessas orações marcadas pelos correlativos “então” e “ai” uma relação estabelecida por meio de um processo morfossintático.

Para Dancygier (1998), questões relacionadas ao significado de “*então*” e a sua função na interpretação das condicionais são raramente discutidas nos estudos que abordam a condicionalidade. A pesquisa proposta por Oliveira e Hirata-Vale (2011) traz importantes evidências da singularidade desse tipo de construção, no entanto, é insuficiente para uma descrição das orações correlativas hipotéticas e suas variantes, uma vez que seu objetivo é fazer uma representação semântica e morfossintática desse tipo de construção condicional (se-então) com ênfase nas semelhanças e diferenças entre elas e as condicionais canônicas.

Portanto, no presente trabalho, tem-se como objetivo geral, descrever as construções condicionais consideradas do tipo “se p, então q” e suas semelhantes no português escrito e falado no Brasil. Espera-se, desse modo, contribuir para uma maior compreensão do significado e estrutura condicional e, ainda, com o campo dos estudos de descrição dos usos e funcionamento do português.

---

<sup>1</sup> O processo de gramaticalização pelo qual está passando o correlativo “então” é a perda do caráter adverbial e a aquisição do caráter conjuncional.

Para alcançar esse objetivo, consideramos como parâmetros de análise diversos fatores de natureza sintática, semântica e pragmática, que, acredita-se, motivam a interpretação condicional. Para cumprir tal propósito, as construções condicionais objeto desta pesquisa serão analisadas em conformidade a: (i) domínios cognitivos; (ii) os graus de hipoteticidade; (iii) formas verbais da oração núcleo; (iv) formas verbais da oração condicional; e (v) a ordem nas construções condicionais.

Esta dissertação está organizada do seguinte modo: no primeiro capítulo é apresentada uma caracterização do Funcionalismo. O capítulo dois destina-se à apresentação de questões teóricas sobre as condicionais de modo geral. No terceiro capítulo, apresenta-se a metodologia do trabalho: são apresentados os corpora utilizados e demonstra-se a seleção dos parâmetros que servirão de base para a organização e análise dos dados. Além disso, discute-se, também, a relevância de cada parâmetro para a análise das construções condicionais que são tema do presente estudo. O capítulo quatro é destinado à análise e descrição integrada das orações condicionais. Por último, mas não menos importante, são apresentadas as considerações finais a que se chegam a partir da consideração dos dados.

## CAPÍTULO I

### 1. CARACTERIZAÇÃO GERAL DO FUNCIONALISMO

O funcionalismo é, de modo mais geral, uma teoria que propõe a consideração da língua em uso, posta em funcionamento em contextos reais de produção. Como paradigma de tratamento da linguagem, o funcionalismo se apresenta sob forma de diversas vertentes, no entanto, é possível encontrar princípios teóricos básicos que sustentam as diferentes abordagens que permitem o tratamento funcional da linguagem.

De acordo com Neves (2001), um primeiro ponto em comum que se nota é o interesse que toda teoria funcionalista tem em verificar como se obtém a comunicação de modo eficiente entre os usuários da língua. Nesse sentido, conforme a autora, o que deve guiar o linguista é a competência comunicativa do falante, considerada um instrumento de comunicação da experiência. Portanto, na abordagem funcional, o objetivo principal é analisar a língua conforme as múltiplas funções que cumpre no exercício da linguagem.

Daí vem o uso do termo “função”, como referência explícita ao papel que a estrutura linguística desempenha em determinado contexto. Conforme discute Neves, o termo função, além de significar “papel que algo desempenha”, também designa “relação” ou mesmo “efeito” do uso. Assim, a “função” de uma determinada expressão linguística corresponde ao papel que ela desempenha e à relação que estabelece com outras expressões no processo comunicativo. Em outras palavras, de acordo com Neves (2001), a noção de função refere-se ao propósito e também aos meios para determinado

fim, neste caso, para o estabelecimento da comunicação.

Chega-se, então, ao entendimento de que na teoria funcionalista a linguagem não pode ser considerada um fenômeno isolado, mas, ao contrário, serve a uma variedade de propósitos dos quais mediar a comunicação é apenas um dos papéis da língua (PRIDEAUX, 1987). A língua é vista como “um sistema de meios apropriados a um fim” (NEVES, 2001, p. 08). Sendo assim, a língua é compreendida, primeiramente, como um instrumento de interação verbal e social cujo objetivo principal é estabelecer relações de comunicação entre os usuários. A linguagem é concebida como um componente da competência comunicativa do homem, que o habilita a estabelecer relações comunicativas e interativas por meio de expressões linguísticas.

No entanto, conforme Neves (2012), é importante reconhecer que a relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário é apenas mediada, e não estabelecida, pela expressão linguística. Por esse motivo, a interpretação será apenas em parte baseada na informação codificada pela expressão linguística. Portanto, a expressão linguística não será, em toda enunciação, a verbalização plena da intenção do falante, pois, juntamente com a informação pragmática do falante, a sua intenção e ao significado codificado pela expressão linguística, acrescenta-se a interpretação do ouvinte, a informação pragmática do ouvinte e ainda acrescentam-se fatores extralinguísticos presentes no contexto em que a enunciação é produzida.

De acordo com Martelotta (2003), o funcionalismo caracteriza-se por uma concepção dinâmica do funcionamento das línguas. A língua é concebida como um instrumento de interação social, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar as regularidades de sua estrutura.

Assim, o funcionalismo concebe a língua como um sistema com finalidade de comunicação, portanto, “concebe a linguagem não como um fim em si mesma, mas como um requisito pragmático da interação verbal” (DIK, 1989, p. 02).

Para o funcionalismo, a língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel fundamental na determinação das estruturas e sistemas que organizam a gramática da língua. Desse modo, as línguas são analisadas no seu uso, em determinadas situações comunicativas, objetivando observar os padrões que regularizam suas funções, que são relativamente estáveis. Partindo dessa visão, pressupõe-se a existência de um sistema linguístico subjacente ao uso, e entende-se a língua como dinâmica, mutável e variável, compreendendo a gramática como um objeto não autônomo.

Sob a ótica funcionalista, a interação verbal é concebida como uma atividade cooperativa, porque necessita de ao menos dois participantes; e estruturada, pois é regida por convenções para atingir os objetivos dos participantes.

De acordo com Dik (1989), na análise das expressões no processo de interação verbal, são considerados dois tipos de sistemas de regras: as regras semânticas, sintáticas e morfológicas, responsáveis pela construção das expressões linguísticas, e as regras pragmáticas, que regulam o processo de interação verbal em que essas expressões são usadas. Seu interesse de investigação vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua.

Nesse direcionamento, o funcionalismo tem como princípio básico o estudo da gramática hierarquicamente organizada e composta por componentes integrados. Uma vez que as regras linguísticas interagem com regras pragmáticas, a análise de questões de natureza sintática e semântica somente se efetiva dentro de uma teoria pragmática.

Isso quer dizer que nos estudos funcionalistas a gramática deve ser pragmaticamente adequada. Autores como Neves (2010), Butler (2003), Hengeveld e Mackenzie (2008) defendem que, numa teoria funcionalista, a sintaxe, a semântica e a pragmática são domínios fundamentais para uma análise linguística satisfatória, por isso não se admite uma sintaxe autônoma. Desse modo, nessa teoria, os domínios da sintaxe, semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes.

Por essa razão, nos estudos funcionalistas, toma-se como premissa o entendimento de que a sintaxe é regida por fatores semânticos, pragmáticos e discursivos, ou seja, a sintaxe é regida por fatores internos e externos a língua. Chega-se, assim, ao princípio fundamental de análise que propõe como foco da investigação a relação entre a forma e o uso linguístico, partindo da integração dos componentes sintático, semântico e pragmático, negando, portanto, a autonomia da sintaxe. Ao admitir que o discurso determina a sintaxe, incorpora-se a pragmática à gramática. Dentro desse contexto, defende-se a análise linguística como a tarefa de verificação da língua a partir de dados reais, usada em contextos reais de comunicação.

Nessa perspectiva, a gramática deve ser concebida como uma teoria da organização sistemática do funcionamento das línguas naturais (DIK, 1989; NEVES, 1997). Em um modelo de gramática como esse, considera-se tanto a capacidade dos indivíduos de estruturar expressões linguísticas quanto a capacidade de usar e interpretar essas expressões de modo satisfatório.

O funcionalismo parte do entendimento da língua como funcional e ao mesmo tempo dinâmica: funcional porque não separa o sistema linguístico das suas funções e dinâmico porque reconhece a instabilidade da relação entre estrutura e função. Para esse modelo de análise, a dinamicidade é produto do constante desenvolvimento da

linguagem.

Nesse contexto, o objetivo de uma gramática funcional é correlacionar forma e significado (BEAUGRANDE, 1993, *apud* NEVES, 2001, p. 03). Por essa razão, o uso das expressões linguísticas é sempre considerado na interação verbal, assim, o que se analisa são frases que foram efetivamente realizadas. Portanto, uma gramática funcional tem como objetivo central a descrição gramatical das regras que regulam o uso apropriado da linguagem, ou seja, procura explicar as regularidades observadas no uso da língua para fins de comunicação. O funcionalismo entende que os itens que se estruturam no enunciado são multifuncionais, dessa forma, não seria adequada uma descrição estrutural da língua que se limitasse à indicação de funções gramaticais estáveis, como indica Neves (2010). Conforme Mackenzie (1992), a Gramática Funcional parte da premissa da existência de uma relação não-arbitrária entre o uso e a estrutura. Assim, um estudo funcionalmente orientado busca a explicitação da gramática a partir da observação da língua em função.

Na análise linguística, considera-se toda a situação comunicativa: quem fala, para quem, com qual finalidade, quando, os papéis sociais de quem fala, as influências extralinguísticas, dentre outros fatores, buscando compreender a capacidade linguística do falante de adequar a língua aos diversos contextos de comunicação.

Nessa perspectiva, a gramática é vista como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes. Assim, tem-se como o objetivo principal do funcionalismo entender de que modo a função e o funcionamento da língua intervêm em sua estrutura, ou em outras palavras, entender de que modo as estruturas servem aos propósitos da comunicação. Dessa maneira, as formas e os processos da língua são meios para um fim, e não um fim em si mesmos (Halliday,

1994), o que evidencia que a gramática é um instrumento de comunicação e interação verbal. Nesse contexto, o que deve ser colocado como objeto de estudo é o modo como as formas e os processos da gramática servem e atuam no estabelecimento da comunicação.

É nesse sentido que Butler (2003) afirma que o funcionalismo rejeita a alegação de que o sistema de linguagem (a “gramática”) é arbitrário (não há relação entre significado e significante: o conceito não está relacionado ao som e grafia) e autônomo.

É válido ressaltar que, conforme Neves (2012), entre outros, o falante possui relativa liberdade organizacional sob seu enunciado, no entanto, essa liberdade não ultrapassa certos limites construcionais (regularidades), pois sempre há uma regularidade por trás de uma determinada construção e por trás de uma determinada escolha que certamente é feita objetivando um determinado sentido ou efeito pragmático. Por esse motivo, de acordo com Du Bois (1985 apud NEVES, 2012), a gramática se resolve no equilíbrio entre forças internas e externas ao sistema e essas forças externas são cognitivas e socioculturais.

Neves (2012) esclarece que é necessário pautar os exercícios metalinguísticos por uma visão que não subverta a própria natureza e direção da produção linguística. Assim, a autora propõe um círculo virtuoso a ser considerado nas análises funcionais:

- i) primeiro, há uma contínua redefinição da relação entre forma e função, o que leva a readaptação contínua do sistema linguístico;
- ii) tal flexibilidade do sistema leva à multiplicidade dos arranjos;
- iii) o múltiplo aproveitamento desse arranjo leva à renovação;

- iv) e, finalmente, a renovação leva à garantia de uma gramática sempre equilibrada, bastante e suficiente.

Conforme diz a autora, essa é a metodologia aplicada às análises orientadas funcionalmente. Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso.

De acordo com Neves (2012), na descrição gramatical da linguagem fica sempre configurado um sistema previamente equilibrado, mas nunca cristalizado. A sua natural indeterminação, a multifuncionalidade de seus itens, a fluidez de fronteiras, a existência natural de permeações categoriais é, segundo Neves (2012), o que permite que a língua diga o que é para ser dito, o que é relevante ser dito e do modo como é para ser dito.

Na análise funcional, a língua é descrita segundo às funções comunicativas a que serve dentro da situação de comunicação. O objetivo principal nas análises funcionalista é observar as relações funcionais nos diversos níveis de análise linguística. Assim, na presente pesquisa buscam-se as destinações funcionais das condicionais sob enfoque tendo como pano de fundo a língua em função, privilegiando uma direção teórico-metodológica que permite avaliar a funcionalidade das categoriais e do uso efetivo da língua.

Fica claro, portanto, que, para o funcionalismo, o linguista deve ter uma visão reflexiva sobre a língua e suas interrelações. Assim, como afirma Neves (2012), não se pode reduzir a gramática da língua a um esquema taxonômico de categorias. Para essa autora, na gramática funcional, as classes correspondem a funções. No entanto, deve-se considerar que, de algum modo, uma dada classe não tem uma única e determinada função, tampouco cada função é desempenha por uma única e determinada classe de

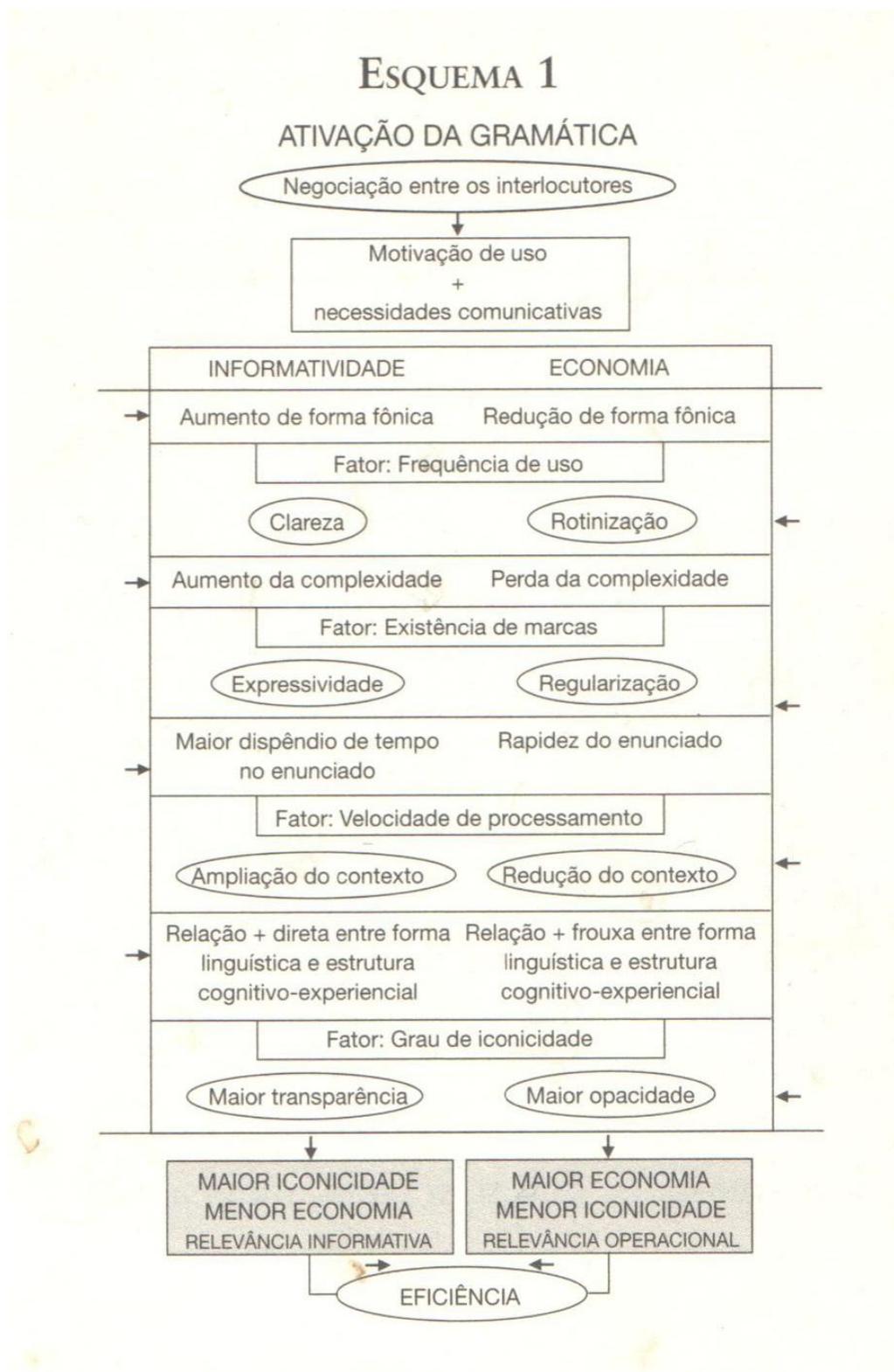
palavras. Por isso mesmo, nem sempre são nítidos os limites entre uma e outra classe de palavras ou entre uma e outra função, o que demonstra a maleabilidade e multifuncionalidade da linguagem. E essa multifuncionalidade está presente nos níveis sintáticos, semânticos e pragmáticos.

O ponto central desse modelo de análise é que não há relações biunívocas entre classes e funções, ou seja, as categorias não são discretas; há deslizamentos categoriais e há superposições funcionais, tudo pelo uso da palavra. As variantes convivem e, por isso, tem de ser reconhecidas. A língua é instrumento vivo para o cumprimento das funções da linguagem.

A gramática funcional destina-se a revelar os significados que são codificados pelas expressões linguísticas. Neves (2012) afirma que o fato de ser funcional é por levar em consideração as funções e relações entre os termos linguísticos, e o fato de ser gramática é por fazer uma interpretação dos termos linguísticos.

Além do mais, Du Bois (1985 apud NEVES, 2001, p. 109) recomenda que “as gramáticas sejam tratadas como *sistemas adaptáveis*”, isto é, como sistemas parcialmente autônomos (por isso, sistemas) e parcialmente sensíveis a pressões externas (por isso, adaptáveis). Portanto, em uma gramática entram em competição forças internas: fonológicas, sintáticas, semânticas; e externas: oriundas do contexto de realização dos enunciados. É a competição entre essas formas que deixa opaca a relação entre os itens e põe em evidência a multifuncionalidade das expressões linguísticas. O esquema abaixo, articulado por Neves (2012) evidencia muito bem esses fenômenos:

Tabela 1: Dinamismo da gramática



(NEVES, 2012, p. 54)

Portanto, conforme Neves (2012), partindo-se da concepção de linguagem como negociação entre os interlocutores compreende-se que ela é produto das motivações de uso somadas às necessidades comunicativas. Esse quadro demonstra o acionamento das duas categorias que respondem a tanto as motivações quanto as necessidades comunicativas. Assim, de um lado, INFORMATIVIDADE, de outro, ECONOMIA. São características da INFORMATIVIDADE, no esquema registrado, os itens elencados a esquerda:

- \_ aumento na forma fônica;
- \_ aumento da complexidade;
- \_ maior dispêndio de tempo no enunciado;
- \_ relação (mais) direta entre forma linguística e estrutura da experiência.

Em correlação negativa, têm-se as características da ECONOMIA, descendo-se pela direita:

- \_ redução da forma fônica;
- \_ perda de complexidade;
- \_ rapidez do enunciado;
- \_ relação mais frouxa entre forma linguística e estrutura da experiência.

Relacionados a essas quatro características estão estes fatores (no centro), respectivamente:

- \_ frequência de uso;
- \_ existência de marcas;
- \_ velocidade de processamento;
- \_ grau de iconicidade.

Reguladas por esses quatro fatores as quatro características chegam aos seguintes resultados (à direita), respectivamente:

- A frequência de uso leva a: clareza, quanto à INFORMATIVIDADE,
- e rotinização, quanto à ECONOMIA;
- A existência de marcas leva a: expressividade, quanto à INFORMATIVIDADE,
- e regularização, quanto à ECONOMIA;
- A velocidade de processamento leva a: ampliação do contexto, quanto à INFORMATIVIDADE, redução do contexto, quanto à ECONOMIA;
- A iconicidade leva a: maior transparência, quanto à INFORMATIVIDADE,
- e maior opacidade, quanto à ECONOMIA.

Por fim, a INFORMATIVIDADE se liga a maior elaboração e a expressividade, enquanto a ECONOMIA se liga a simplificação e a normalidade, tudo isso dando um mapa equilibrado do uso da linguagem para responder a motivações e a necessidades comunicativas.

Portanto, considera-se como fundamental a existência de uma relação entre gramática e cognição, pois uma teoria gramatical deve dar conta de esclarecer as relações entre as categorias linguísticas e as categorias cognitivas, considerando uma relação icônica entre forma e função.

A teoria funcionalista é uma corrente de estudo que abriga diversos funcionalismos, desde os funcionalismos estruturais até os mais radicais. Como forma de unificar o paradigma funcionalista, Butler (2003) indica sete características que se encontram presentes nas diversas abordagens. Esses aspectos, evidentemente, podem ter relevância distinta a depender da perspectiva em questão e, por isso, podem aparecer em maior ou menor grau. As características relacionadas por Butler (2003) são:

- i. Ênfase na linguagem como um meio de comunicação humana;
- ii. Rejeição da alegação de que o sistema de linguagem (a "gramática") é arbitrário, ou seja, que não há relação entre significado e significante, o que reflete uma gramática autônoma;
- iii. Rejeição da alegação de que a sintaxe é um sistema auto-suficiente, em favor de uma abordagem em que a semântica e pragmática são vistas como centrais. A sintaxe é considerada como um meio para a expressão de significados, e é pelo menos parcialmente motivada pelos significados;
- iv. O reconhecimento da importância da não-singularidade na classificação linguística, ou seja, não é só o linguístico que é relevante, e da importância da dimensão cognitiva;
- v. A preocupação de analisar os textos e seus contextos de uso;
- vi. O forte interesse em questões tipológicas, que refere-se ao estudo da língua por meio de comparações para encontrar padrões linguísticos e classificações com base nas estruturas;

- vii. A adoção de um construtivismo, em vez de uma visão adaptacionista (proposta de cunho evolutivo e seletivo) de aquisição da linguagem.

(Adaptado de BUTLER, 2003, p. 221)

Neste trabalho não se assume um modelo especificamente, mas partimos dos princípios funcionalistas básicos que foram discutidos aqui. A relevância da teoria funcionalista para o estudo das construções condicionais evidencia-se, como afirmado por Oliveira (2008), pelo fato de que as diferentes construções condicionais não podem ser tratadas como equivalentes, uma vez que manifestam valores semânticos diferentes, e atendem também a propósitos comunicativos distintos. Isso implica a necessidade de um modelo de análise que permita considerar os sentidos veiculados por essas orações, reforçando a insuficiência de uma análise por meio de uma descrição unicamente formal dessas estruturas, que não leve em consideração na análise dos dados os fatores pragmáticos e discursivos.

Portanto, por meio de uma abordagem funcional da linguagem, será possível correlacionar forma e significado na análise da condicional de estrutura correlativa, analisando de que modo os aspectos semânticos, discursivos e pragmáticos de uma dada sentença contribuem para sua interpretação global. Além disso, o viés funcionalista possibilita documentar os vários sentidos das condicionais evidenciando suas motivações composicionais.

## CAPÍTULO II

### 2. AS ORAÇÕES CONDICIONAIS

A presente seção apresentará alguns dos estudos das orações condicionais no português que consideramos relevantes para a pesquisa. Temos como subsídio teórico, principalmente, as pesquisas de Hirata (1999), Hirata-Vale (2005, 2012), Oliveira (2005, 2009), Ferrari (2001), Neves (1999, 2000, 2001), Sousa (2003) entre outros, os quais abordam as orações condicionais do português a partir de diferentes temáticas e construções teóricas.

Bechara (2003) afirma que as orações condicionais não exprimem apenas condição, mas elas ainda podem expressar as ideias de hipótese, eventualidade, concessão e tempo, sem que, muitas vezes, se possam traçar demarcações claras entre esses valores semânticos. Desse modo, os estudos subdividem as orações condicionais em canônicas, que se realizam por meio da partícula condicional “se”; e as condicionais consideradas não-canônicas, que se realizam por meio de conjunções como “caso” ou por meio de locuções conjuntivas, como “contanto que”, “salvo se”, “sem que”, “dado que”, “desde que”, “a menos que”.

Hirata (1999) descreveu as condicionais prototípicas no português do Brasil. Partindo da proposição encontrada em Chafe (1984 apud HIRATA, 1999), para quem as condicionais podem funcionar como orientadoras do discurso, a autora considerou as orações condicionais quanto às funções que podem desempenhar, a saber, as funções de tópico de contraste, tópico de retomada, tópico de exemplificação, tópico de alternativa

ou opção, e que podem funcionar como adendos restritivos ou ampliadores. É o que se pode perceber no exemplo:

- (3) *Essa doutrina nega que o desenvolvimento mental consista meramente em um processo de desdobramento, ou que a mentalidade se desenvolva no vazio. (...) Ao contrário afirma que as condições de seu cultivo são por si mesmas parte integrante do processo. Se essa teoria não fosse verdadeira, seria necessário abandonar a idéia de que a educação é algo mais que aquisição de informação. (HIRATA, 1999, p.43)*

Nessa ocorrência, percebe-se a atuação da oração condicional como tópico de retomada. A condicional é um veículo de retomada, dentro dela está a retomada da oração anterior. É mencionada a existência de uma doutrina a qual é retomada pela construção condicional “Se essa teoria não fosse verdadeira”. Portanto, é possível notar que a retomada do conteúdo ocorre por meio da oração condicional.

Além disso, podem funcionar como reparadoras do discurso anterior, uma vez que seu conteúdo é repetido. Esse é o ponto principal na análise de Ford e Thompson (1986), que relacionam a posição das orações condicionais com a função que cumprem no discurso.

Para Ford & Thompson (1986), as condicionais pospostas ou intercaladas possuem função semântica mais restrita que as condicionais antepostas, pois podem realçar, enfatizar ou mesmo restringir a oração núcleo ou algum componente dela. Conforme observamos em:

- (3) *Só acredite nele se responder sem hesitações: onde você nasceu? Foi numa cidade grande?* (HITARA, 1999, p. 134)

Conforme Hirata (1999), nessa ocorrência, o elemento restritivo “só” que aparece na oração núcleo delimita o conteúdo expresso na prótase. Essa sentença poderia ser parafraseada da seguinte forma:

- (4a) *Acredite nele, se e somente se responder sem hesitações: onde você nasceu, foi numa cidade grande?*

Zamproneo (1998 apud HIRATA, 1999) argumenta que essas orações podem funcionar, quando pospostas e intercaladas, como adendos, ou seja, aponta que as condicionais pospostas e intercaladas podem desempenhar também a função de reparação.

Nesse sentido, conforme proposto por Hirata (1999), as orações condicionais podem funcionar como adendos restritivos, na medida em que restringem o significado da oração núcleo, como em:

- (5) *Não teremos compreendido o fenômeno que se evidenciou em termos políticos se não tivermos a coragem de enfrentar os problemas fundamentais para o país.* (HIRATA-VALE, 1999, p. 133)

No segmento anterior, a oração condicional, que está realizada de forma negativa, expressa uma avaliação do falante sobre o que dever fazer para chegar a compreensão do fenômeno que se evidenciou em termos políticos, colocando-se como adendo informacional com função restritiva, ou seja, realiza-se como adendo restritivo a medida em que delimita o conteúdo da oração a medida em que especifica o que deve ser feito para a compreensão dos problemas fundamentais para o país.

E, ainda, podem funcionar como adendos ampliadores os quais generalizam e ampliam o significado da oração núcleo, conforme se observa abaixo:

(6) *Justino: Tava pensando... se o senhor não se ofende, aquele dinheiro que lhe dei...*

*Mané Gorila: O que é que tem?*

*Justino: Se o senhor pudesse devolver...(HIRATA, 1999, p. 135)*

As orações condicionais que não apresentam oração núcleo tendem a funcionar como adendos ampliadores. Nesses casos as orações condicionais são deixadas em aberto, pode-se dizer que tenham a função de generalizar ou ampliar o significado do enunciado que as precede.

Outra questão muito tratada em português diz respeito à ordem frasal preferida nas construções condicionais. Hirata (1999) verificou a anteposição da oração condicional à oração núcleo como a posição mais frequente.

Segundo Comrie (1986 apud HIRATA, 1999), nas formas não-marcadas das construções condicionais, a prótase precede a apódose. Para Schifffrin (1992a), a ordem

frasal dado/novo sugere que essa ordem não-marcada se deve ao estatuto informacional de  $p$  (HIRATA, 1999, p. 47). Todavia, quando a apódose antecede a prótase<sup>2</sup> tem-se o mesmo significado, a mesma não-factuality e a mesma dependência entre os eventos. Além disso, como explica Hirata (1999, p. 47), “a ordem dado/novo mostra que os emissores usam “ $q$ , se  $p$ ” por razões também ligadas ao estatuto informacional, isto é, o grau de pressuposição de  $q$  e a novidade de  $p$ .” Sendo assim, segundo Schiffrin (1992), comparar a ordem frasal nas condicionais é fundamental para se chegar a sua função discursiva de tópico.

Sobre a ordem de ocorrência entre a oração condicional e a oração núcleo, Hirata (1999) argumenta que, na língua portuguesa, a ordem usual é a prótase preceder a apódose. Segundo Comrie (1986), tal preferência decorre de três aspectos:

- i. devido ao grau de hipoteticidade da oração condicional, que é frequentemente atualizada como eventual ou contrafactual e por isso mesmo considerada a construção não marcada;
- ii. a correlação modo-temporal estabelecida pela construção condicional, ou seja, a ordem em que as orações são organizadas reflete a referência temporal da prótase e da apódose. Nesse sentido, a referência temporal da prótase é anterior ou igual à da apódose, nunca posterior;
- iii. a ordem linear das orações é iconicamente motivada. Assim, a ordem da prótase e da apódose segue à sequência de etapas da argumentação.

---

<sup>2</sup> Os termos “apódose”, “prótase”; “oração núcleo”, “oração condicional/subordinada” são usados neste trabalho como intercambiáveis.

É válido ressaltar que este terceiro aspecto, no que se refere à ordem da prótase e apódose confirma a proposta de Haiman (1978), que considera as condicionais como tópicos das construções em que ocorrem pelo fato de serem codificadas em posição inicial.

No entanto, para Mateus et al (1983 apud HIRATA, 1999), a posição da condicional em relação à oração núcleo deve-se ao estatuto informacional exibido pelo contexto em que ela ocorre. Assim, se a condicional codifica informação dada/velha/conhecida, a ordem de ocorrência será a anteposição. É por esse motivo que as condicionais antepostas servem como tópicos do discurso em que ocorrem, na medida em que remetem ao discurso anterior e se relacionam com o discurso subsequente. Além disso, ao exercerem a função anafórica, assumem, também, a função de organizadoras do discurso.

Por outro lado, as posições marcadas das condicionais, a posposição e a intercalação, são utilizadas, segundo Ferreira (1997 apud Hirata, 1999), quando a oração codifica uma informação nova. Vejamos no exemplo abaixo:

(7) *Cabo Rosinha: Você ouviu? O que acha desse negócio de carneiro?*

*Joaquim: Eu, se fosse o senhor, deixava isso de lado! Padre Antônio está é caduco!*

*Cabo Rosinha: É exatamente o que eu estava pensando: isso é caduquice, não tem pra onde! Eu é que não vou me meter onde não fui chamado. A queixa que recebi foi de novilho, de carneiro, não! HIRATA, 1999, p.118 )*

Neste exemplo, a oração condicional em destaque, realiza-se na posição intercalada. Como se pode perceber a informação nova, realizada por meio da oração condicional codifica uma ressalva ao que foi enunciado previamente. Nesse caso, a condicional intercalada é usada para ressaltar a opinião do falante em relação ao assunto em questão. Ao ser indagado sobre a atitude a ser tomada, o falante assume a posição de seu interlocutor e o adverte, utilizando uma ressalva. Pode-se afirmar que as condicionais intercaladas são mais frequentes em textos escritos pelo fato de serem organizados dialogicamente, ou seja, há dois ou mais interlocutores, que estão frente a frente. Nesses casos não há a necessidade da total explicitude nas informações, pois elas podem ser reparadas, completadas ou contestadas pelos participantes da interlocução; e a todo o momento, ocorrem mudanças de turno. Esses dois aspectos corroboram para o uso das condicionais intercaladas.

A hipótese é a de que a codificação de informação nova por meio do uso da oração condicional na posição marcada revela-se efetivamente no registro escrito e, portanto, no discurso formal, previamente planejado. No entanto, quando se trata da fala, o mesmo não ocorre, uma vez que a posição marcada pode ter sido utilizada não por codificar informação nova, mas para dar mais ênfase ao que se quer transmitir.

Segundo Hirata (1999), há, ainda, um tipo de construção condicional em que não se pode identificar a posição exata da oração condicional. É o caso das construções destituídas de oração núcleo. Nesses casos, o emissor enuncia a oração condicional, mas não realiza a núcleo. Gryner (1995 apud HIRATA, 1999) afirma que os casos de ausência da oração núcleo podem ser interpretados como anteposição ou posposição, de acordo com os contextos e a entoação que ocorrem.

Diante do exposto, é possível perceber que há uma estreita relação entre a posição da oração condicional e a função por ela exercida; que a determinação da ordem preferida das condicionais está intimamente ligada às funções cumpridas no discurso. Acredita-se, assim, que esses fatores refletem uma escolha, por parte do falante, que se baseia em suas necessidades comunicativas e nas condições da situação em que o discurso está inserido.

Orações condicionais podem ser avaliadas, ainda, no que tange aos diversos graus de hipoteticidade do evento enunciado. Segundo Hirata (1999), o que é relevante nesse caso é a avaliação subjetiva que o emissor faz da situação comunicativa, que o leva a escolher a melhor forma de expressar a verdade ou a falsidade de uma proposição. Por essa relação, chega-se a classificação das condicionais como factuais/contrafactuais ou ainda factuais/potenciais/contrafactuais.

De fato, o que está implicado aí é o modo como o falante concebe o evento, ou ainda, a realização do evento condicionante. Geralmente, formas verbais têm um papel de suma importância, pois, por meio delas o falante marca seu posicionamento com relação ao enunciado.

As condicionais não expressam factualidade ou contrafactualidade por si mesmas. O fato de uma condicional ser verdadeira ou falsa pode ser percebido pelo contexto verbal ou por meio de outras fontes. Na análise feita por Hirata (1999) verificou-se que “as prótases tendem a ser não-factuais, sejam antepostas, pospostas ou intercaladas em relação à núcleo. Assim, independentemente da posição em que aparecem, as orações condicionais são mais frequentemente atualizadas como condicionais eventuais.”

Assim, Hirata (1999) afirma que nas condicionais com alto grau de

hipoteticidade, há uma perda de distinções temporais. Orações factuais são atualizadas principalmente por tempos do indicativo, enquanto nas potencias figura o subjuntivo.

Oliveira (2005) estudou as condicionais do ponto de vista dos efeitos pragmáticos que elas licenciam. A autora observou que, em certos contextos, a condicional é usada para atenuar a força ilocucionária de atos que podem ser considerados impositivos. Nesses casos, “o falante usa a condicional para introduzir a oração núcleo em termos hipotéticos, colocando essa proposição sob o domínio da incerteza, descomprometendo-se com a verdade dessa proposição” (OLIVEIRA, 2005, p. 127).

Nesse uso específico, encontram-se as modalidades, mais especificamente, a modalidade epistêmica. A modalidade epistêmica pode ser identificada quando o falante revela seu comprometimento ou descomprometimento em relação à verdade da proposição. Assim, a autora afirma, que “nos casos em que o falante utiliza a oração condicional para descomprometer-se com a verdade do conteúdo expresso pela oração núcleo, a oração condicional atua como modalizador epistêmico daquelas orações em que ocorre” (OLIVEIRA, 2005, p. 128 ).

Sweetser (1990) considera que as conjunções que introduzem uma oração podem ser usadas em três domínios semântico-pragmáticos: no domínio de conteúdo, no domínio epistêmico, ou no domínio dos atos de fala como um instrumento de um ato de fala. Hirata (1999) prevê que no domínio de conteúdo, a conjunção condicional indica que a realização do evento descrito na prótase é uma condição suficiente para a realização do evento da apódose, portanto, em uma oração como:

(8) *“If Mary goes, John will go” (SWEETSER, 1990)*

Nesse exemplo, o evento descrito na prótase causa a realização do evento descrito na apódose como exemplifica Sweetser (1990). Segundo a autora, a conexão entre o antecedente “se p” e o conseqüente “q” revela que a possibilidade da ida de Mary possibilita também possibilita a ida de John ou, se Mary não for John também não irá. Nesse caso, a conexão entre a prótase e a apódose pode ser uma conexão causal. Desse modo, há a transmissão de conteúdo, ou seja, informa-se que um fato implica e causa um outro fato.

No domínio epistêmico, a conjunção condicional indica que o conhecimento da verdade da prótase seria uma condição suficiente para se concluir a verdade da apódose. É o que se pode verificar na construção seguinte:

(9) “*If she is divorced, she’s been married.*” (SWEETSER, 1990).

Conforme a autora, nessa construção condicional, o conhecimento de que “*she is divorced*” é verdadeira e é uma condição suficiente para se concluir que “*she’s been married*”. Portanto, o conhecimento da proposição expressa na prótase implica na conclusão expressa na apódose. Nas condicionais epistêmicas, a relação de causalidade estabelece-se a partir do evento descrito na prótase, que atua como condição suficiente para que se conclua a validade do evento expresso na apódose. Nesse exemplo, o conhecimento de algo relatado na prótase causa a conclusão evidenciada na apódose. Assim, a interpretação da condicional epistêmica supõe um tipo de conexão racional, considerando a relação entre o conhecimento e a conclusão sobre algo.

No domínio dos atos de fala ou domínio pragmático, o desempenho do ato de fala que está sendo representado na apódose é condicionado ao preenchimento de algum fato ou estado expresso na prótase. Como por exemplo em:

(10) *“Há biscoitos no armário, se você quiser”* (HIRATA-VALE, 2005).

Tal afirmação pressupõe, conforme a autora, que caso seja da vontade do ouvinte ele poderá pegar os biscoitos que estão no armário. Assim, a condição para a realização da apódose é que o fato expresso na prótase seja verdadeiro: que alguém queira biscoitos.

Para Sweetser (1990), as condicionais de atos de fala estão evidentemente relacionadas as máximas de Grice e de Searle pelo fato de que as prótases condicionais em questão apresentam conseqüentemente alguma condição de relevância ou adequação em relação as apódoses. Assim, no exemplo acima, a informação de que há biscoitos no armário só é relevante é alguém estiver com fome.

Neves (2012), em seu estudo sobre as condicionais paratáticas, afirma que essas construções correspondem à disjunção, eventualidade, dúvida e alternância; nessas orações, uma necessariamente exclui a outra, ao contrário do que ocorre nas condicionais prototípicas, em que uma oração é dependente da outra.

Desse modo, a autora explica que em uma construção paratática, do tipo:

(11) *“Decifra-me **ou** te devoro”*,

é evidente que há uma disjunção. Isso porque a obrigatoriedade de uma escolha está implicando um futuro típico de eventualidade, o futuro pelo estabelecimento de hipótese. Tem-se, então, conforme Neves (2012), o protótipo da condicionalidade hipotética.

A relevância dessas abordagens está tanto nas distinções quanto nas aproximações que são possíveis observar entre elas. Percebe-se que as condicionais foram abordadas a partir de diversas perspectivas.

De modo geral, há diversos estudos que contemplam as estruturas condicionais quanto às funções discursivo-pragmáticas, ordem, a delimitação de fronteiras conceituais, os tempos e modos verbais. No entanto, um tratamento que falta é aquele que verifica o papel da estrutura correlativa na construção do significado condicional.

Em Hirata-Vale e Oliveira (2011), discutiu-se como a interpretação da condicional estruturada em “se-então” é diferente daquela observada nas condicionais prototípicas. Nessas, nota-se que a condicional é apresentada como uma situação que é condição necessária para a realização da núcleo. As autoras comparam o seguinte par:

(12) *Se estiver úmido, a televisão irá funcionar.*

(13) *Se estiver úmido, **então** a TV irá funcionar.*

(HIRATA-VALE e OLIVEIRA, 2011, p. 13)

É possível perceber que na oração (12) há uma condição suficiente para que a televisão funcione que é “se estiver úmido”. Nesse caso, há um grau menor de vinculação entre as orações, uma vez que, haveria outras condições possíveis ou suficientes para que a televisão funcione. Em (13), a condição descrita na prótase é necessária, ou seja, essencial para que a televisão funcione. Assim, a televisão funcionará somente e unicamente “se estiver úmido”. Nota-se que a vinculação sintática e semântica nessa oração é maior.

As autoras discutem que a diferença entre os tipos de condicionais aí exemplificados é que, no primeiro caso, a prótase traz uma condição suficiente para a realização da apódose, que pode ou não se realizar. Por outro lado, no segundo exemplo, a presença do par correlativo “se-então” leva à construção para valor condicional restritivo: as situações descritas na prótase e apódose são ambas verdadeiras ou ambas falsas. Isso porque nessa condicional, a condição é apresentada como condição necessária, ou seja, a oração introduzida por “se” traz a condição única para que a apódose se realize. As autoras afirmam, assim, que “podemos dizer que, quando o *então* é usado, percebe-se que a relação entre as orações parece ser mais estreita e que a leitura que emerge é a mesma que se encontra nas chamadas bicondicionais” (HIRATA-VALE e OLIVEIRA, 2011, p. 14).

O valor bicondicional é uma inferência, ou seja, a interpretação das orações condicionais correlativas transmite um sentido bicondicional, como é possível perceber nos exemplos com: “então”, “somente se” e “desde que”:

(14) *Se algo errado acontece recorrentemente, então deixa de ser um erro e se transforma em constantes falhas (Fernando Lapolli)*

(15) *Andar pra trás... **Somente** se for pra pegar impulso!(Adaptado de Abel Bonnard)*

(16) *Eu vou a qualquer lugar, **desde que** seja em frente. (Johnie Walker)*

Nesses exemplos, é possível perceber que os conteúdos descritos nas apódoses é a única condição em que as prótases se efetivam. Nesses casos, o evento descrito na apódose é a condição necessária, essencial para que a prótase se realize. Portanto, há uma relação muito estreita entre a prótase a apódase na medida em que uma é a única condição para que a outra ocorra. Esses são os contextos e que o valor bicondicional pode ser inferido. Diferentemente do que ocorre nas condicionais tidas como canônicas. Vejamos os exemplos:

(17) ***Se** eu não achar um caminho, eu faço um!*

(18) ***Se** a vida não ficar mais fácil, trate de ficar mais forte.*

(19) *Deus, **se** um dia eu estiver prestes a perder as esperanças, me ajude a lembrar que seus planos são maiores que meus sonhos (Francieli Basso)*

Nesses exemplos, percebe-se que os conteúdos descritos pelas prótases são condição suficiente para a realização do evento descrito na prótase. Nesses casos, percebe-se que a relação estabelecida entre as orações é um pouco menor na medida e que se subentende que as prótases condicionais não são as únicas condições possíveis

em que as apódases podem se realizar.

No entanto, o estudo das autoras discute apenas a diferença de significado entre condicionais prototípicas e condicionais correlativas. Assim, um estudo que falta é aquele que proponha uma caracterização geral desse tipo de condicional, considerando aspectos como ordem, domínio de atuação e tempos verbais. Somente a partir daí será possível um entendimento mais completo do modo como as condicionais correlativas se organizam e como contribuem com a condicionalidade como um todo.

Desse modo, podemos dizer que, quando os correlativos “*então*” e “*ai*” são usados, percebe-se que a relação entre as orações parece ser maior semanticamente e que a leitura que emerge é a mesma que se encontra nas chamadas bicondicionais.

Para Dancygier (1998), conforme articulado por Oliveira (2011), o “*então*” pode funcionar como um marcador de sequencialidade e não apenas como um elemento resumitivo, como considera Haiman (1978). De acordo com a autora, é possível dizer que o “*então*” apresenta ao mesmo tempo essas duas características: a ideia de sequencialização entre a prótase e a apódose, e também, em certos casos, manifesta sua função anafórica de retomada.

Devido a seu caráter temporal e anafórico, o “*então*” tem a função de reintroduzir o sentido da prótase na estrutura da apódose, mas sem a “incerteza” que o “*se*” impõe a proposição. Semanticamente, o *então*, tem o papel de “factualizar” a asserção que se encontra na oração condicional. Assim, o “*então*” serviria para reintroduzir a asserção apresentada na prótase, para assinalar que ela tem que ser factual para a apódose ser asseverada.

O “*então*” também é usado, segundo essa autora, quando se chega a uma

conclusão plausível na apódose por meio da eliminação de outras conclusões não plausíveis. Desse modo, retomando o exemplo (14): “*Se algo errado acontece recorrentemente*”, então inevitavelmente “*deixa de ser um erro e se transforma em constantes falhas*”.

Em resumo, podemos dizer que o *então* nas construções condicionais do tipo “*se-então*” assume um papel de sequencializador, e pode ser entendido como um marcador que factualiza a asserção a que ele anaforicamente se refere.

Portanto, o presente trabalho pretende reunir um grupo de elementos que permitam uma caracterização geral do funcionamento das condicionais correlativas hipotéticas e suas correlatas no português. Consideramos, então, como objeto de descrição, as condicionais que se realizam conforme as seguintes estruturas:

Estruturas Condicionais Correlativas
<b>Se p então q</b>
<b>Se p aí q</b>

**Tabela 2: Estruturas condicionais correlativas estudadas**

## CAPÍTULO III

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. O MATERIAL DE ANÁLISE

Constituem o foco deste trabalho as construções condicionais marcadas pelo par correlativo “se-então” e “se-ai” nas modalidades escrita e falada no Português brasileiro. Assim, utilizamos como material de investigação para a realização da referida pesquisa as narrativas do tipo Amostra Censo do Banco de dados IBORUNA; o Córpus do Português e o dados do Laboratório de Estudos Lexicográficos da UNESP/Araraquara.

O IBORUNA é composto de dois tipos de amostras de fala: Amostra Comunidade (ou Amostra Censo - AC), que trata de amostras de fala controladas sociolinguisticamente; e Amostra de Interação Dialógica (AI), que se constitui de amostras de fala coletadas secretamente em situações livres de interação social. Originado do projeto “O português falado na região de São José do Rio Preto”, esse acervo de dados anotado tem por objetivo servir de base para a descrição do português falado no interior paulista. O Córpus do Português é formado por um acervo escrito e falado composto de mais de 45 milhões de palavras em quase 57,000 textos em português brasileiro e europeu que vão do século XIV ao século XX. No entanto, na presente pesquisa restringiu-se as ocorrências do português brasileiro utilizado entre os séculos XX e XXI, atendo-se apenas aos registros escritos. O acervo do Centro de

Estudos Lexicográficos da UNESP/Araraquara constitui um banco de dados composto de textos escritos do português contemporâneo do Brasil, os quais são divididos em seis modalidades textuais: romanesca, técnica, jornalística, propaganda, oratória e dramática.

Em todos os corpus foram coletados todas as ocorrências encontradas, por meio de busca aleatória das estruturas “Se p então q” e “Se p aí q”. Com o intuito de abranger o maior número possível de dados os únicos critérios considerados na seleção das ocorrências foram: i) ser condicional e ii) constituir-se por meio da estrutura cuja relação fosse “Se-então” ou “Se-aí”. O corpus que apresentou o maior número de ocorrências foi o IBORUNA.

Os corpus escolhidos contemplam tanto a modalidade falada quanto a modalidade escrita do português usado no Brasil. Assim, podemos verificar, descrever e caracterizar o uso das condicionais correlativas hipotéticas “Se p, então q” e “Se p, aí q” nas diferentes modalidades da língua. Como afirma Neves (2012), defende-se nesse trabalho, que apesar de diferentes, pois ambas apresentam suas especificidades de uso, as duas modalidades da língua realizam-se por meio de um mesmo sistema gramatical. Assim, assume-se que há um *continuum* entre língua falada e língua escrita, de modo que em alguns momentos essas duas modalidades são intercambiáveis. Por isso, compreende-se que não constituem duas modalidades nitidamente isoláveis e são, portanto, metodologicamente comparáveis.

### **3.2. DOS PARÂMETROS DE ANÁLISE**

Aqui são apresentados os parâmetros de análise que possibilitam a análise das condicionais “se-então” e sua correlata “se-ai” no português escrito e oral do Brasil. A partir do estudo desses parâmetros esperamos identificar os fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos que motivam a interpretação condicional das construções sob exame.

São considerados, nesta dissertação, os seguintes parâmetros:

- I. graus de hipoteticidade (eventual, factual e contrafactual). Espera-se que este parâmetro possa demonstrar em quais contextos essas condicionais são mais ou menos hipotéticas;
- II. domínios de atuação da oração condicional, conforme Sweetser (1990), os quais são epistêmico, conteúdo e atos de fala; também será considerado um quarto domínio, proposto por Dancygier (1998), o metatextual<sup>3</sup>. Espera-se identificar em qual domínio essa condicional ocorre e em qual deles ela revela-se mais subjetiva;
- III. a ordem nas construções condicionais (prótase – apódose/apódose - prótase);
- IV. tempo e modo da oração núcleo;
- V. tempo e modo da oração condicional;

---

<sup>3</sup> O domínio metatextual é mais abstrato com relação aos outros domínios, pois faz referência ao momento da interação. Portanto, faz claramente uma referência ao momento da interação e ao texto em si.

## CAPÍTULO IV

### 4. ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

São apresentados, a seguir, os resultados das análises feitas no *cópus* deste trabalho. Considerando as questões teóricas levantadas, é possível estabelecer uma descrição do uso e funcionamento das construções condicionais correlativas no português do Brasil.

Assim, considerando-se os parâmetros anteriormente selecionados, serão analisadas as estruturas condicionais correlativas, cuja estrutura é: “Se p então q” e “Se p aí q”. O que motiva estudo desse objeto é peculiaridade morfossintática presente nessas estruturas com relação as condicionais canônicas. Sabe-se que essas construções manifestam-se por meio de uma estrutura distinta daquela que presente nas condicionais prototípicas, além disso, o seu significado é mais restrito do que o obtido por meio das condicionais canônicas. Assim, manifestam-se por meio de estrutura correlativa e apresentam um valor semântico bicondicional, diferentemente das demais condicionais.

Acredita-se que estas questões concernentes ao estudo das condicionais são de extrema importância, primeiro, porque focalizam diferentes aspectos e níveis de descrição, segundo, porque faz-se a descrição e a comparação quantitativa e qualitativa de duas construções condicionais. A análise leva em consideração os parâmetros referidos anteriormente.

Foram encontradas um total de 349 ocorrências de condicionais correlativas,

sendo 144 ocorrências da condicional por meio da estrutura “Se-aí” e 205 ocorrências da condicional “Se-então”, conforme mostra a seguinte tabela:

	<b>SE-ENTÃO</b>	<b>SE-AÍ</b>
<b>TEXTO ESCRITO</b>	105	104
<b>TEXTO ORAL</b>	100	40
<b>SUBTOTAL</b>	205	144
<b>TOTAL</b>	349	

**Tabela 3 – Total de ocorrências das condicionais correlativas.**

Conforme Oliveira e Hirata-Vale (2011), as orações correlativas hipotéticas apresentam um significado diferente daquele que é codificado pela oração condicional canônica. De acordo com as autoras, as estruturas com os correlativos “então” e “aí” apresentam uma diferença significativa no sentido das condicionais à medida em que trazem consigo o valor bicondicional, o qual não está necessariamente presente nas condicionais canônicas. Portanto, essas condicionais podem expressar um valor diferente daqueles que são codificados pelas condicionais canônicas.

As autoras expõem algumas evidências as quais reafirmam a relevância de considerar as correlativas hipotéticas como um tipo diferente de construção condicional:

i) nas construções com “então” não somente a conjunção “se” é semanticamente produtiva, ao contrário das demais conjunções que é possível usar em uma estrutura

condicional padrão; ii) nessas construções o “então” está perdendo o seu caráter conjuncional e sua função anafórica, no entanto, conforme Pezatti (2001), está passando por um processo de gramaticalização, ainda não completo semelhante ao que passou a conjunção “logo”; iii) há uma diferença significativa na leitura das condicionais marcadas pelo “então”, a presença desse correlativo estabelece uma relação mais estreita entre as orações, relação essa que é muito semelhante a que se encontra das orações denominadas bicondicionais (OLIVEIRA e HIRATA VALE, 2011, p. 152-153). O valor bicondicional é revelado nessas construções por meio de uma inferência.

Vejamos nos exemplos a seguir a diferença na significação das orações com “então” e “ai”:

(20) ...**SE** a pessoa tem vontade... **ENTÃO** ela vai prá frente... (AC-089:RO;L145-153)

(21) ...**SE** você esquecer a chave dentro da sala...**AI** cê pula... (AC-053:DL;L180-190)

Nessas ocorrências, percebe-se que o “então” e o “ai” estabelecem uma relação estreita entre as orações, pois esses dois correlativos atribuem o sentido bicondicional às orações. O valor bicondicional tem o sentido de “se e somente se”, ou seja, “somente e unicamente em determinada condição tal coisa se realiza”.

#### 4.1. Grau de hipoteticidade

A hipoteticidade avalia o grau de probabilidade com que o falante concebe a relação entre os dois enunciados implicados na construção condicional, por esse critério avaliam-se as condicionais em factuais, potenciais ou contrafactuais.

Desse modo, uma maior hipoteticidade significa menor probabilidade de ocorrência do evento descrito na prótase, e uma menor hipoteticidade significa maior probabilidade de tal ocorrência. Assim, uma sentença factual representaria o menor grau de hipoteticidade, enquanto uma contrafactual representaria o mais alto grau. As condicionais eventuais ou potenciais são orações intermediárias às factuais e contrafactuais, uma vez que a interpretação das condicionais depende em grande parte da avaliação que o emissor faz do contexto em que a informação é veiculada.

Sendo assim, foram consideradas condicionais factuais as ocorrências com maior probabilidade de ocorrência, as quais apresentam-se com verbos que fazem referência ao presente do indicativo, conforme o exemplo a seguir:

- (22) *Então durante o jogo na verdade o objetivo...é você conseguir matar aquelas cartas de maior valor...e você só consegue matar aquelas cartas de maior valor...se você tiver um trunfo na mão...o “trunfo” na verdade quando você vai dar as cartas...você ta dando as cartas você vira uma carta do monte ...essa carta que você virar o naipe que ela tiver vai ser o “trunfo”...[Doc.:é com ela que mata...]é com ela que mata ...é::essa tipo:: carta com aquele naipe vai ser o trunfo elas vão matar os*

*outro/qualquer outro tipo de naipe [Doc.: uhum((concordando))] só que AÍ tem os valores dentro desse naipe né...todos os/essas/esse naipe tem varias cartas...aí a ordem... “tipo” de mais forte é a mesma ordem da contagem de pontos lá...o “Ais” vale mais o três...aí vai a ordem né...o três menos reis...nessa::mesma ordem assim...só que por exemplo se você jogar um dois de trunfo...que é uma carta “tipo” que não valeria nada ...SE que ela é um trunfo por causa do naipe dela...e a outra pessoa jogar um três::de espadas...você ganha o três dela **ENTÃO** nisso você vai somando pontos né...então o objetivo do jogo é esse...você ir acumulando os pontos...matar principalmente “Ais” três e reis né... (AC-049;RP:L158-171)*

- (23) *...nós sentava tudo:: tipo de um círculo assim né?... e o mestre... numa ponta né?... AÍ vai (inint.) o jogo é:: imaginário... é:: jogo que imagina né?... AÍ você tem um tanto de ponto vamos supor que ele te dá duzentos e cinqüenta pontos porque cada coisa tem seu tanto de ponto... AÍ cê num pode passar desse tanto de ponto duzentos e cinqüenta ponto... e cada coisinha que tem lá pro cê montar seu personagem tem um valor e tem as perícia também né?... isso é quando ocê::... sabe fazer alguma coisa tipo::... acrobaci::a... sa::lto... é:: karatê::... SE ocê sabe fazer alguma coisa **ENTÃO** cê vai montando sua ficha né?... e tinha de poder também né?... que nós já era:: super-herói né?... (AC-015;RP: L620-630)*

Como é possível observar, no exemplo (22), a condicional apresenta o verbo *ser* no presente do indicativo, “*é*”. Pelo fato do verbo indicar uma realidade construída a partir de uma referência temporal pertencente ao domínio *realis* essa condicional claramente está mais próxima do polo *factual*. Assim, considera-se que esta oração apresenta maior probabilidade de ocorrência. Igualmente ocorre no exemplo (23), em que o verbo “*sabe*” apresenta-se no presente do indicativo.

Como *contrafactuais* considerou-se as condicionais que apresentaram verbos com referências passadas, as quais, portanto, têm uma menor probabilidade de ocorrência. Nesses casos, o falante concebe o evento como *irreal*, como algo que poderia ser o caso no passado, mas por alguma razão não se realizou. É o que mostram as seguintes ocorrências:

- (24) *maioria agora é o registro. Se você está trabalhando para o jornal, você quer o registro. Mas quando ele quer fazer a foto dele.. Que eu sempre aconselhava, todo mundo. Falava assim para essa turma: Olha vai, leva a sua máquina e tira a sua foto na jogada. Se interessar a você estar fotografando o presidente da república, se interessar, você faz a foto e guarda pra você. Nunca ninguém fez isso. Eu falava pra qualquer um deles, qualquer assunto que você vai cobrir, SE fosse um assunto interessante, ENTÃO você fazia a foto e guardava pra você. Entende? Então você tinha o seu arquivo. Mas nunca ninguém fez isso. Todos os arquivos deles ficaram perdidos nos jornais, os jornais.. Acabou o*

*Correio da Manhã, hoje em dia você não sabe onde estão as coisas.. e ficou por aí.. Mas um arquivo de um jornal vale uma fortuna, feito por vinte fotografos. Vale milhões e o fotógrafo não tem nada lá..As agências é que.. Agora quem tem cabeça guarda os negativos.*  
(19Or:Br:Intrv:Web)

- (25) *porque das minhas colegas dos velhos tempos, as antigas, a maioria já morreu, só sobrou eu viva, ainda bem que eu não tomei na seringa delas, mas também não sabia que a minha estava a caminho. Ainda bem que eu descobri minha doença quando eu já esta va no caminho do senhor, por que se eu tivesse no mundo, se tivesse aprontando em cima de droga ainda, não ia ser coisa boa. Eu sempre pensava comigo assim, no dia que eu souber que eu estou com isso, **SE** eu estivesse fumando crack, **AÍ** que eu ia fumar 50, 100 gramas, que assim eu acabava de me matar logo. Ai foi ao contrário, não me assustei, agora eu penso ao contrário, eu penso, o Senhor vai curar de mim, vai curar o meu bebê, ele vai nascer bem, eu vou cuidar dos meus filhos, vou viver bastante, vou muda r minha vida. Agora minha vida ficou outra, eu sinto que eu tenho mais amor de mim, antes, quando eu estava naquela vida eu*  
(19Ac:Br:Lac:Thes)

Na ocorrência (24), a condicional, além de ser uma condição e nela estar embutido um significado de probabilidade (ser ou não interesse do ouvinte “virtual” de

uma época passada) ou mesmo de incerteza, tem-se então outro aspecto que corroboram para uma menor probabilidade de ocorrência do fato descrito: primeiro, que, pelo fato de se tratar de uma ação no passado, portanto, já ocorrida, não é mais uma ação possível de acontecer, pelo menos, não exatamente nas mesmas circunstâncias.

O mesmo se pode observar na ocorrência (25): o tempo verbal da oração no pretérito imperfeito traz a nítida ideia de que o fato de o falante ter usado crack não ocorreu, o que significa que a situação condicionada também não.

As condicionais eventuais são aquelas que ficam entre as factuais e contrafactuais, variando entre uma maior e menor probabilidade de realização. Assim foram consideradas eventuais as condicionais que apresentaram os outros tempos verbais com exceção daqueles que fazem referência ao passado ou ao presente:

- (26) *... fazer um truque... cê pega de trás/trás prá frente de as à valete uma em cima da outra... cê vai falar prá pessoa –“que HORA que você quer acordar?”–... Se for cinco hora logicamente ela num vai procurar o CINCO prá pra... contar cinco carta uma duas três quatro cinco e assim por diante SE for seis hora seis carta sete hora sete carta três hora três carta... ENTÃO cê vai colocar o truque começa aí cê vai colocar ELA POR CIMA do baralho daquela carta que seria de as à valete (inint.) relógio cê vai colocar ela por cima do monte... aí prá fazer u::m um truque melhorzinho cê pega o restante do baralho que são mais trinta e poucas carta e põe por baixo... (AC-027;RP: L 106-116)*

(27) *ele cobre e o dinheiro volta para a conta única. # O pessoal do varejo está interessado é em saber como pôr a mão na maior parte desse dinheiro, canalizando-o para vendas efetivas. Na verdade, o comércio sonha mesmo é com uma operação casada do servidor com o Bandepe, tomando um empréstimo para pagar o que deve, a juros baixos, e aplicando o 13º numa " geral " no guarda-roupa dos meninos, da patroa e na casa, fazendo novas compras. E SE o governo ainda parcelar o pendura no varejo na Secretaria da Fazenda, AÍ já dá para SE pensar num Johnnie Walker. Selo preto! # Pai e filho # O empresário Stélio Soares agradeceu ontem o interesse com que os secretários da Indústria e Comércio, Agricultura e Fazenda estão envolvidos no problema dos contribuintes que declaram o ICMS, mas não podem pagar o imposto, e que será objeto de uma nova legislação a ser enviada ainda esta semana à Assembléia. Soares disse que o secretário, que tinha idade de ser seu filho, estava num cargo em que poderia fornecer o remédio*  
(19N:Br:Recf)

Na ocorrência (26), o falante usa o verbo no futuro do subjuntivo, o que indica que a ação de se fazer alguma coisa ainda será possível de acontecer. A situação é descrita como aberta, portanto a ocorrência de algo é colocada como provável. O mesmo se pode dizer da ocorrência (27), nela fica clara a ideia de futuro, de uma situação que ainda é possível de acontecer.

Quanto ao grau de hipoteticidade, o qual está relacionado a uma possibilidade ou não de realização da oração condicional, têm-se os seguintes dados:

GRAU DE HIPOTETICIDADE	SE-ENTÃO	%	SE-AÍ	%	TOTAL
<b>Factual</b>	139	67.80	96	66.66	235
<b>Eventual</b>	42	20.48	18	12.50	60
<b>Contrafactual</b>	24	11.70	30	20.83	54
Subtotal	205	100	144	100	349

**Tabela 4 – Graus de hipoteticidade.**

Como é possível observar pela tabela, tanto na língua falada quanto na língua escrita as condicionais com estrutura SE-ENTÃO e aquelas com estrutura SE-AÍ realizam-se em mais da metade das ocorrências como factuais, ou seja, como orações que apresentam maior probabilidade de realização.

Esses dados contestam com o que Hirata (1999) propôs em sua pesquisa, ou seja, o fato de que as prótases tendem a ser não-factuais, independentemente da posição em que ocorrem: antepostas, pospostas ou intercaladas em relação à núcleo. De acordo com a autora, os tipos de condicionais mais comuns são as condicionais eventuais, seguidas pelas factuais e contrafactuais.

Acredita-se que essa diferença se deva, exatamente, ao valor bicondicional que esse tipo de condicional manifesta. Uma vez que nessas condicionais a situação condicionante é restritiva, implicando que a condição descrita é a única condição em que se valida a oração principal, esse efeito parece se completar na codificação da

condicional como factual. Desse modo, acentua-se, ainda mais, a força da relação entre a condicional e a oração núcleo. Observem-se as seguintes ocorrências:

(28) ... o cara bem maior que ele né?... aí começou a ti/ chamar meu irmão de ruim né? --“ah cê é ruim” -- que num sei que tem né?... só que ele chamou umas duas três vezes e o meu irmã::o... aí meu irmão já falou assim-- “ ah **SE** é pra zoar **ENTÃO** vamos zoar né?”-- aí meu irmão saiu fora o moleque falou pro meu irmão sair né? Aí meu irmão começou zoar e quando ele saiu fora meu irmão num parou de zoar continuou zoando ((risos)) -- ah fica sentado **AÍ** cala boca” -- e continuou jogando... (AC-015;NR: L 420-425)

(29) Inf.:Eu gosto mais de jogar CS que é Control Start né...Start não é:: Strike...né é assim o W anda pra frente o A::anda pro:: lado...e::o::B anda pra outro lado...e:: a:: debaixo que ta do W anda pra trás e o mouse guia::pra::a o:: tiro se dá se dá o tiro mira na pessoa né...aí se tem que pea/aperta bem ...aí e ce escolhe seu tipo de arma **SE** você quer::uma metralhadora você chega no B::B cinco dois B quatro dois **AÍ** você pega a metralhadora... né...aí você vai apertando shift que vai ganhando mais bala...quando você mata um você vol/você mata um por exemplo você é a pessoa com o tanto que tem de dinheiro ela vai perder esse dinheiro e pra quem matou o dinheiro que quem morreu vai pra ele pra quem matou...é isso..e:: Doc.: E qual que é a finalidade do jogo?

Inf.: A finalidade do jogo é pra quem ganha...que é CT que é:: policial...e TR que é terrorista...então tem grande armas terrorista tem vinte mais de quarenta armas e:: o:: a policia né que é o CT ...que:: só tem vinte e

*quatro armas...e::pra::assim o::...objetivo do jogo é:: pra ganhar “tipo” SE o TR ganhou que é o terrorista né se o TR ganhou é::ele vai ele vai mais uma vez e vai ganhando bônus...depois que ele foi ti/quinze vezes ganhar quinze vezes ele ganha o jogo aí recomeça tudo de novo (AC-009:RP;L001-016)*

Nota-se, nessas ocorrências, que os verbos no presente do indicativo evidenciam a manifestação da factualidade nessas orações. Nos exemplos acima, as prótases codificam uma maior probabilidade de realização. Uma vez concebidas como factuais, essas construções constroem uma relação mais forte, o que corrobora o valor bicondicional que o par correlativo expressa.

#### **4.2. Domínios de atuação da oração condicional**

Com relação aos domínios de atuação, foram considerados aqueles propostos por Sweetser (1990), que são: domínio de conteúdo, epistêmico e de atos de fala. A eles acrescentou-se também um quarto domínio, que é proposto por Dancygier (1989), o domínio metatextual.

Foi possível notar que as construções condicionais correlativas são usadas para expressar o valor bicondicional, o qual é licenciado por meio de processos inferenciais, porque passam por um processo pragmático-discursivo de subjetivização, o qual faz com que expressões mais concretas se tornem mais abstratas, mostrando a atitude do falante em relação ao que está sendo dito.

Conforme Hirata-Vale (2005), o papel da subjetivização na expressão da

condicionalidade é gerar um processo de mudança que leva ao desenvolvimento de expressões cujos significados mostram cada vez mais a atitude ou a crença do falante em relação ao que diz. Desse modo, a expressão da subjetividade se dá como um processo semântico-pragmático por meio do qual os significados se tornam cada vez mais baseados na atitude subjetiva do falante em relação à proposição, codificando significados mais abstratos às proposições.

Schwenter (1999 apud HIRATA-VALE, 2005, p. 48) cita que “as construções condicionais não trazem em seu significado certos valores que comumente têm sido a elas atribuídos, como hipoteticidade ou incerteza, mas que esses valores são implicados conversacionalmente”. Nesse sentido, acredita-se que o certo e o incerto como valores de certeza ou incerteza, juntamente, com o comprometimento ou não-comprometimento do falante e o valor bicondicional não fazem parte do significado do conectivo, mas são derivados de um processo inferencial.

Assim, acredita-se que as estruturas condicionais correlativas podem ser veículos dos juízos subjetivos dos falantes sobre o conteúdo. Portanto, ao escolher uma estrutura correlativa para expressar o valor bicondicional, o falante espera que seu ouvinte seja capaz de inferir essa bicondicionalidade. Assim, tais orações adquirem um “traço” de subjetividade ao serem utilizadas com o valor bicondicional, porque expressam conteúdos mais abstratos. Por meio do processo de subjetivização, o significado tende a se tornar mais identificável com a expressão da crença ou da atitude do falante, de modo que, nessas construções, a avaliação do conteúdo encaixado por “então” ou “ai” é totalmente embasado na crença do falante e em suas percepções cognitivas.

Oliveira (2014), considera em seu trabalho duas hipóteses diferentes, mas

complementares com relação ao significado das condicionais: i) que o significado condicional é considerado a partir de suas múltiplas possibilidades e o mapeamento dos domínios conceituais recai em traços específicos desse significado; e ii) que os significados também estariam distribuídos entre os diferentes tipos de condicional. Colocados em uma escala de abstratização e intersubjetivização as condicionais, de acordo com o tipo, organizam-se da seguinte forma:

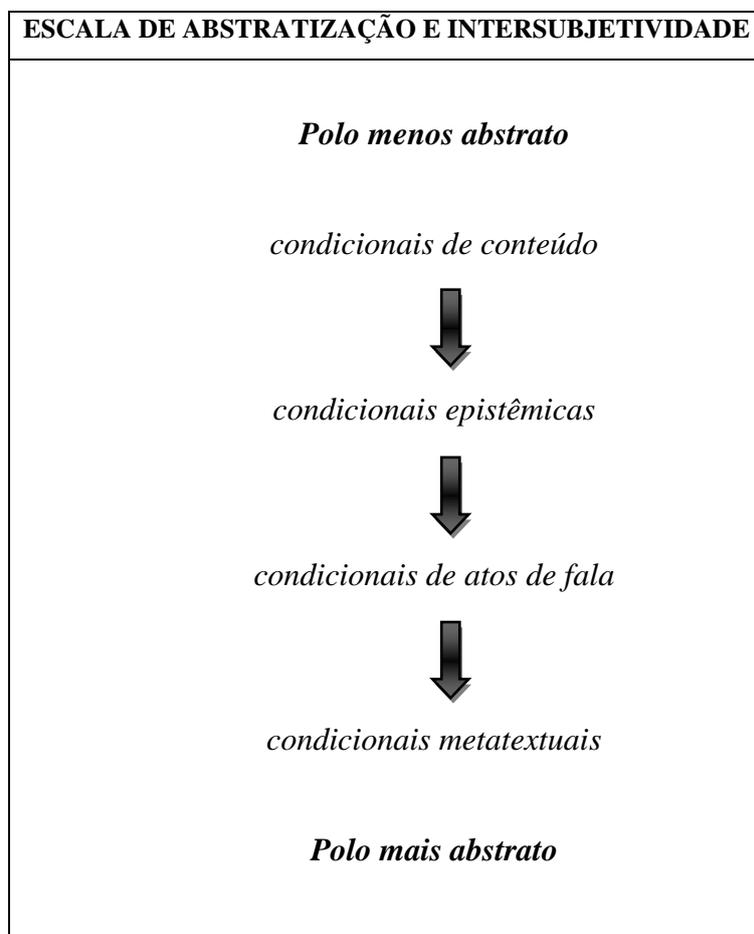


Tabela 5 – Escala de abstratização e intersubjetividade (OLIVEIRA, 2014, p.09)

A partir dessa escala, os significados condicionais se distribuem da seguinte forma, conforme Oliveira (2013):

condicionais de conteúdo >	condicionais epistêmicas >	condicionais de atos de fala >	condicionais metatextuais
contexto de fundo predição	contexto de fundo, hipoteticidade, distanciamento epistêmico, não assertividade	hipoteticidade, distanciamento epistêmico, não assertividade, alternatividade	contexto de fundo, hipoteticidade, distanciamento epistêmico, não assertividade, alternatividade

**Tabela 6 – Escala de tipos de condicional conforme Oliveira (2014, p. 09)**

A análise dos dados revelou que as condicionais correlativas ocorrem, preferencialmente, nos domínios de conteúdo e epistêmico, como mostram a tabela a seguir:

	<b>Conteúdo</b>	<b>Epistêmico</b>	<b>Atos de fala</b>	<b>Metatextual</b>
Se-então	83	80	22	20
Se-aí	60	54	17	13
Subtotal	143	134	39	33
TOTAL	349			

**Tabela 7 – Domínios de atuação.**

Como é possível notar, as condicionais correlativas realizam-se de modo semelhante no que diz respeito à frequência de ocorrência nos domínios. Assim, ambas as estruturas atualizam, na maioria das vezes, conceitos ligados ao domínio de conteúdo. Nesse domínio, a oração condicional causa o evento descrito na oração núcleo, estabelecendo, portanto, uma relação de causa-efeito. É o que mostram as ocorrências abaixo:

(30) *Inf.:<sup>21</sup>[é] cê tira o excesso sem xampu depois ti/ lavar... tirar o excesso mais que cê puder... não pode ficar... porque se a pessoa inventar de fazer uma:... como que fala?... uma escova acaba com o cabelo da pessoa porque?... porque quando você passa o produto de relaxamento nos cabelos... ele ele faz assim com o cabelo... ele estica o cabelo... porque o cabelo da gente... é elástico né... Se a gente (pegar o cabelo e fazer assim) pode ver que é ela/... aquilo lá... faz ele ficar mais elástico ainda... amolece...*

*Doc.: uhum ((concordando))*

*Inf.: Então o que que vai acontecer? **SE** você fazer uma escova... (que ce vai fazer)... vai puxar... o cabelo da pessoa... **ENTÃO** vai arrebentar tudo... vai ficar todo arrebentado... a pessoa não pode fazer escova durante uma semana... e tem que evitar também de passar... esse produto assim menos de... de quatro meses ela num pode passar esse produto de novo... (AC-072;RP:L 499-510)*

(31) *jogo de bola queima::da...*

*Doc.: também pode ser...*

*Inf.: bola queima::da futebo::l... vo::lei mas eu num jogo muito bem não mas eu sei... tem vo::lei...*

*Doc.: como que joga bola queimada?...*

*...Doc.: e como vence o jogo?*

*Inf.: vence quem queimar o time inteiro...*

*Doc.: o que tiver menos pessoas no time?*

*Inf. é tem/ por exemplo SE o vermelho conseguir queimar o amarelo inteiro...AÍ ele ganha... [Doc.: ham] (AC-006:RP;L380-397)*

Nas ocorrências acima, em (30), a prótase descreve a causa que leva à realização da apódose. Em outras palavras, o evento descrito na oração condicional introduzida por “se” é apresentado como a causa do evento introduzido pela oração com “então”. Nesse tipo de condicional, nota-se uma determinada sequencialidade dos eventos, que estão dispostos numa determinada sucessão temporal, relevante para o tipo de relação aí estabelecida.

O mesmo ocorre no exemplo (31) uma vez que o falante descreve um evento ou sucessão de eventos observado(s) numa situação externa. Pode-se afirmar, assim, que as condicionais desse domínio têm seu significado assentado sobre uma situação concreta percebida.

Em seguida, têm-se as condicionais correlativas que ocorrem no domínio epistêmico. Nesse tipo de construção, a condicional apresenta uma situação a partir da qual infere-se uma conclusão, tem-se, portanto, uma relação condição-conclusão. É o

que mostram as ocorrências:

(32) ... *Inf.: ah porque daí num fica xingando na escola... num fica batendo... agora se mexer assim... daí/ daí... tem que bater porque senão daí ele vai ficar xingando os outro éh::... ou/ ou batendo nos pequenininho porque num tem idade também... agora se os pequenininho ficar... xingando assim batendo e alguém num po/ num poder fazer nada assim... nenhum dos inspetor nada ninguém... daí tem que bater porque **SE** ninguém ter educação **ENTÃO** vai ter que bater... (AC-005;RO:L 397-399)*

(33) *olhava a cena com secreta alegria. Briga de mulheres era uma coisa baixa, quase sempre abjeta; mas, ainda assim, a atraía, irresistivelmente. - O que é que a senhora quer dizer com isso? - Se você fosse mulher, teria vergonha - está ouvindo? -, vergonha de ser abandonada assim pelo marido, na primeira noite do casamento! - Vergonha, eu? - Vergonha, sim. - Eu não gosto do seu filho. Por mim, ele pode desaparecer, quantas vezes quiser. Tanto faz. **SE** eu gostasse, **AÍ** era diferente! - Pois olhe, minha filha: quando eu era moça, se me acontecesse uma coisa dessas.. - O que é que a senhora fazia? - Se meu marido me abandonasse na primeira noite, eu nem sei, meu Deus! Ia ter vergonha de mim mesma. Ia achar que meu corpo era horrível. Ia achar que não era mulher; não era coisa nenhuma. - Pois eu sou! - Você ainda diz " eu sou "! Se você fosse, pensa que (19:Fic:Br:Rodriguez:Destino)*

Nas ocorrências acima, é possível observar que o significado que elas manifestam pertence ao domínio epistêmico, pois o evento descrito na oração condicional é a condição para que se conclua o conteúdo descrito na oração núcleo. Assim, o evento descrito na prótase “*SE ninguém ter educação*” é a condição para que a apódose “*ENTÃO vai ter que bater...*” se realize, ou seja, o falante chega a conclusão de que não ter educação é a condição necessária para bater. O mesmo se nota na ocorrência em (33), na qual a situação condicionante serve como informação partir da qual se infere a verdade da situação condicionada. Nesse exemplo, a falante conclui que somente se ela gostasse do marido é que seria diferente a opinião dela com relação ao marido.

As condicionais correlativas atualizam com menor frequência os tipos atos de fala e metatextual. Nesses domínios, semelhantemente, a relação construída é de relevo pragmático, e, por isso mesmo, se apresentam com traços da relação lógico-semântica bastante frouxos, uma vez que a relação de causalidade está bem diluída. Nas condicionais dos atos de fala, nota-se que a condicional constrói uma situação hipotética em que é relevante enunciar o ato veiculado pela oração condicional, como ocorre nos seguintes dados:

(34) *Eu sou diretora do Bamerindus, mas não exerço a função. Fora isso, tenho outros negócios e trabalho muito. Mesmo assim, sinto que posso ajudar. Eu não quero o bem só para mim, mesmo porque, as coisas só estão boas quando são generalizadas. Eu faço o que posso. Tem gente que diz "eu não posso fazer nada ". Não é assim. SE a pessoa sabe fazer feijão, ENTÃO ela deve ensinar isso, porque tem muita gente que não sabe fazer feijão. As coisas*

*são assim, cada um faz o que pode. (19Or:Br:Intrv:Cid)*

(35) *que no tempo da escravidão, os escravos eram anunciados com muitos qualificativos honrosos, perfeito cozinheiros, ótimos copeiros, etc. Era, com outra fazenda, o mesmo que fazem os vendedores, em geral: superiores morins, lindas chitas soberbos cretones. Se os cretones, as chitas e os escravos se anunciassem' não poderiam fazer essa justiça a si mesmos. Ora, li ontem um anúncio em que se oferece a aluguel. não m lembra em que rua - creio que na do Senhor dos Passos,-uma insigne engomadeira. **SE** é falta de modéstia, eis **AÍ** um dos triste frutos da liberdade, mas se é algum sujeito que já se me antecipou.. Larga Tchitchikof de meia tigela! Ou então vamos fazer o negócio a meias. BOAS NOITES. [76] [19 junho] BONS DIAS! Não gosto de ver censuras injustas. Há dias, um eminente senador disse que a Câmara dos Deputados era a câmara de dois domingos, e disse a verdade, porque ali um sábado e um domingo são a mesma cousa. Não a censurou por isso, entretanto, mas (18:Machado:Bons)*

Assim, o ato de fala descrito nas prótases “**SE** a pessoa sabe fazer feijão” e “**Se** é falta de modéstia” influencia ou possibilita a realização do ato de fala expresso nas apódoses “**ENTÃO** ela deve ensinar isso” e “eis **AÍ** um dos triste frutos da liberdade”

Por fim, no último tipo, a oração condicional manifesta-se por meio do domínio metatextual, uma vez que faz claramente uma referência a situação de interação e ao texto em si, o que faz do domínio metatextual mais abstrato, pois ele demonstra a

referência feita ao momento da interação, é o que ocorre nos exemplos (36) e (37):

(36) *mais lamentável e Fábio Miguez, entre outros. Alguns bons artistas ficaram de fora, mas já tiveram bastante espaço em a Bienal. nbr-fol-9254## Segundo o advogado Silvio Helder Senne, 39, de o Grupo IOB, o funcionário deve provar que seus distúrbios são decorrentes de estresse adquirido em a empresa para garantir seus direitos. Entre os profissionais mais sujeitos a o estresse, segundo especialistas, estão professores, bancários, policiais, motoristas de ônibus, pilotos de avião, vigilantes, executivos e médicos. nbr-fol-9255## SE você achar que o louvor soa um pouco exagerado, ENTÃO veja o que disse o próprio Sean O'Faolain, um de os maiores escritores irlandeses contemporâneos, sobre o livro: Night in Tunisia é uma de as mais notáveis histórias que eu já li em a linhagem de o conto irlandês, desde ou até mesmo antes, de James Joyce. Até a pouco tempo Neil Jordan era muito pouco conhecido como escritor, apesar de já ter publicado três livros Nigth in Tunisia, The Past e The Dream of a Beast. Eles foram todos publicados originalmente em uma pequena cooperativa (19N:Br:Folha)*

(37) *Doc.: <sup>5</sup>[não não] não vou publicar de forma alguma éh AÍ ele é encaminhado pro SUS <sup>6</sup>[é isso]?*

*Inf.: <sup>6</sup>[ele é] encaminhado pro Hospital de Base Santa Casa IELAR [Doc.: uhum ((concordando))] pro hospital que tem convênio com o SUS o IMC não tem*

*convênio com o SUS ((um cachorro late)) [Doc.: uhum ((concordando))] não tem*

*Doc.: e assim cê sabe como que é o tratame::nto:: de/ ((cachorro late novamente)) desses órgãos que tem convênio<sup>7</sup>[como o SUS]*

*Inf.:<sup>7</sup>[ah:: eu] não sei te dizê não porque eu sei que é é é muito complicado lá agora **SE** eles trabalha co::m dedicação **AÍ** eu não sei te dizer<sup>8</sup>[não]*

*Doc.:<sup>8</sup>[que] que SE pensa à respeito do SUS por exemplo cê acha que funcio::na não<sup>9</sup>[funciona]*

*(AC-105:RO;L405-4115)*

Nessas ocorrências podemos inferir que os conteúdos descritos pelas orações correlativas “Se-então” e “Se-aí” remetem ao próprio momento em que as proposições foram enunciadas, fato esse que é evidenciado pelo uso dos termos “achar” e “veja”, na ocorrência (36) e “trabalha” e “sei” na ocorrência (37).

Nota-se que as condicionais correlativas comportam-se de modo bastante semelhante às condicionais prototípicas. Nelas também são mais frequentes as condicionais de conteúdo e epistêmicas. Orações condicionais prototipicamente servem para ligar enunciados numa relação de causalidade, como se notam nas orações de conteúdo e nas epistêmicas. Daí, é mesmo de se esperar que condicionais dos atos de fala e as metatextuais, em que essa relação de causalidade se perdeu seja menos frequente. Esse tipo de uso é bastante marcado e serve para cumprir funções pragmáticas específicas, como mostrou Oliveira (2004).

### 4.3. Posição da oração condicional

No que se refere à posição da oração condicional, sabe-se que oração condicional canônica pode ocorrer em três posições distintas que são: anteposta, posposta e intercalada. Conforme apontam diversos estudos sobre a condicionalidade, há uma tendência natural para que a prótase (causa) preceda a apódose (conclusão) como a ordem não-marcada, em todas as línguas. Apesar de várias línguas admitirem ambas as ordens, prótase-apódose e apódose-prótase, as gramáticas assinalam explicitamente que a ordem usual é a prótase preceder a apódose.

No entanto, nas orações correlativas hipotéticas, a única possibilidade de ordenação das orações é a prótase preceder a apódose, ou seja, a anteposição. Nos dados analisados, todas as ocorrências apresentam-se da seguinte maneira: a prótase é anterior a apódose.

É válido ressaltar que nas condicionais canônicas há a possibilidade de inversão entre a prótase e a apódose sem que o sentido da sentença seja alterado:

(38) *Se amanhecer com sol, vou a praia.*

(39) *Vou a praia, se amanhecer com sol.*

Por outro lado, a mesma inversão não é possível que ocorra com as correlativas hipotéticas, uma vez que teremos como resultado uma oração agramatical ou improdutiva pragmaticamente, conforme postulam Oliveira e Hirata-Vale (2011):

(40) *O primeiro nome não sei. Gente de fora. Em casa tenho as notas. - Ora! então a coisa é simples.. Mande-a p'ro dono! - E SE ela não quiser ir.. - Como não! A polícia a obrigará! É boa! - Ela há de querer comprar a liberdade.. - Pois que a compre, SE o dono consentir.. Você com isso nada mais tem que ver! E SE ela voltar à sua procura, despache-a logo; SE insistir, vá ENTÃO à autoridade e queixe-se! Ah, meu caro, estas coisas, para serem bem feiras, fazem-se assim ou não SE fazem! Olhe que aquele modo com que ela lhe falou há pouco é o bastante para você ver que semelhante estupor não lhe convém dentro de casa nem mais um instante! Digo-lhe até: já não só pelo fato do casamento, mas por tudo! Não seja mole! João Romão escutava, caminhando calado, sem mais vislumbres de agitação. Tinham chegado à praia. - Você quer*  
(18:Azevedo:Cortiço)

(40a) # Vá **ENTÃO** à autoridade e queixe-se! **SE** insistir.

Segundo Comrie (1986 apud HIRATA, 1999), a ordem linear das orações reflete a referência temporal das duas orações. Pode-se perceber, facilmente, que a referência temporal da prótase é anterior, ou ao menos não posterior, à da apódose. Portanto, conforme Hirata (1999), a ordem frasal preferida nas construções condicionais é a anteposição da oração condicional à oração núcleo.

Acredita-se que ordem das orações é iconicamente motivada, devido ao fato de que as orações se ordenam segundo uma sequência temporal, ou segundo uma relação

de causa e efeito. Essa mesma tendência de ordenação icônica das orações condicionais talvez se explique pelo fato de a oração condicionante tender a preceder a oração condicionada.

Nas orações correlativas, há ainda o fato de que a oração principal também vem marcada por uma conjunção que indica conclusão. Acredita-se que também este fato favorece a anteposição. Uma vez que a conclusão vem marcada, tornando-se mais evidente, é de se esperar que se respeite à ordem de sucessão dos eventos.

#### **4.4. Tempo e modo verbal da oração condicional**

No que tange ao tempo e modo verbal da oração núcleo e da oração condicional, é consenso entre os autores, Ferrari (2001), Oliveira (2009) e Hirata-Vale (2001), que o aspecto particular do conhecimento do falante é codificado, também, pelas formas verbais utilizadas.

Conforme Hirata-Vale (2001), os falantes usam tempos e modos verbais específicos para expressarem um determinado credo pessoal. Segundo Brandão (1963), no modo real ou factual a condição é tida como certa, portanto, usam-se os tempos do indicativo. No modo potencial ou eventual, a condição é possível, sendo realizada pelo futuro do subjuntivo. Já no modo irreal ou contrafactual, a situação seria mais bem expressa no imperfeito do subjuntivo, pois se refere a uma condição inexistente.

Pretende-se, então, verificar quais são as correlações modo-temporais utilizadas nos diferentes tipos de condicional, descrever a variedade de tempos e modos verbais que realizam as orações núcleo e as orações condicionais e dentre eles quais são os mais

frequentes e, ainda, verificar quais aspectos são codificados por essas relações e correlações modo-temporais.

Neves (2012) aponta que o presente do indicativo confere factualidade à construção. Além disso, a factualidade pode também licenciar noções de contraste ou compensação. Por outro lado, o pretérito mais que perfeito do indicativo na oração nuclear e do subjuntivo na oração condicional confere a contrafactualidade, ou seja negação, disjunção.

Quanto às correlações modo-temporais, faz-se necessário distinguir as condicionais de acordo com a relação temporal expressa na combinação prótase-apódose, uma vez que cada escolha que o falante faz reflete um significado e, portanto, uma necessidade comunicativa.

Nas correlativas hipotéticas, verificamos, assim como descrito por Oliveira e Hirata-Vale (2011), que há uma sequencialidade temporal entre a prótase e a apódose, que é icônica a sequência de ocorrência dos eventos. Em conformidade com a pesquisa das autoras, em grande parte dos casos, percebemos que a apódose se apresenta como uma conclusão a qual o falante chegou a partir do que está expresso na prótase. Nos termos de Dancygier (1998), podemos dizer que nesse tipo de construção, a apódose, que vem marcada pelo *então*, apresenta uma única conclusão plausível para o conteúdo expresso na prótase.

A seguir, apresentam-se as correlações encontradas nas condicionais “Se p então q” na modalidade falada da língua. Como é possível notar, para essa estrutura identificou-se 26 correlações distintas:

---

 “Se p então q” – Fala
 

---

QTD.	PRÓTASE	APÓDOSE	Sub Total	%
1.	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo	23	21.90
2.	Infinitivo Pessoal	Presente do Indicativo	18	17.14
3.	Futuro do Subjuntivo	Presente do Indicativo	14	13.33
4.	Presente do Indicativo	Locução Verbal – Presente do Indicativo + Infinitivo (05) ou gerúndio (03)	08	7,61
5.	Futuro do Subjuntivo	Locução Verbal – Presente do Indicativo + infinitivo (02) ou participípio (02) ou Gerúndio (01)	05	4.76
6.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Presente do Indicativo	05	4.76
7.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	03	2.85
8.	Pretérito Imperfeito do Indicativo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	03	2.85
9.	Pretérito Perfeito do Indicativo	Presente do Indicativo	03	2.85
10.	Pretérito Imperfeito do Indicativo	Presente do Indicativo	03	2.85
11.	Infinitivo Pessoal	Infinitivo Pessoal	02	1.90

---

12.	Infinitivo Pessoal	Locução Verbal – Presente do Indicativo + Infinitivo (01) ou Gerúndio (01)	02	1.90
13.	Locução Verbal - Presente do Indicativo + Infinitivo (01) e Futuro do Subjuntivo + Infinitivo (01)	Presente do Indicativo	02	1.90
14.	Presente do Indicativo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	02	1.90
15.	Presente do Indicativo	Infinitivo Pessoal	01	0.95
16.	Pretérito Imperfeito do Indicativo	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	01	0.95
17.	Infinitivo Pessoal	Apódose Sem Verbo	01	0.95
18.	Futuro do Subjuntivo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	01	0.95
19.	Infinitivo Pessoal	Pretérito Perfeito do Indicativo	01	0.95
20.	Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo	01	0.95
21.	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	01	0.95
22.	Pretérito Imperfeito do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo	01	0.95
23.	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito do Indicativo	01	0.95

24.	Pretérito Indicativo	Perfeito	do	Particípio		01	0.95
25.	Pretérito Subjuntivo	Imperfeito	do	Pretérito Subjuntivo	Imperfeito	do	01 0.95
26.	Locução Verbal – Imperfeito do Infinitivo	Pretérito do Indicativo + Indicativo		Pretérito Imperfeito	do	01	0.95
TOTAL						105	100

**Tabela 8 – Correlações modo-temporais na estrutura “Se p então q” na fala.**

A correlação que ocorre com maior frequência é presente do indicativo-presente do indicativo, a qual se manifestou em 23 ocorrências, o que é equivalente a 21.9% das 105 ocorrências encontradas. A segunda correlação mais expressiva foi infinitivo pessoal- presente do indicativo, com 18 ocorrências, ou seja, 17.14% dos dados.

A condicional “Se p aí q” apresentou 31 correlações modo-temporais distintas, as quais são distribuídas conforme a tabela abaixo:

“Se p aí q” – Fala				
QTD.	PRÓTASE	APÓDOSE	Sub Total	%
1.	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo	14	13.46

2.	Futuro do Subjuntivo	Presente do Indicativo	10	9.61
3.	Locução Verbal – Futuro do Subjuntivo + Infinitivo (05), Presente do Indicativo + Infinitivo (02) , Infinitivo + Infinitivo (01) e Pretérito Imperfeito do Subjuntivo + Particípio (01)	Presente do Indicativo	09	8.65
4.	Infinitivo Pessoal	Presente do Indicativo	08	7.69
5.	Presente do Indicativo	Locução Verbal – Presente do Indicativo + Infinitivo (05) ou Particípio (01)	06	5.76
6.	Locução Verbal - Futuro do Subjuntivo + Infinitivo (01), Pretérito Imperfeito do Indicativo + Particípio (01), Infinitivo + Gerúndio (01), Pretérito Imperfeito do Indicativo + Infinitivo (01) e Pretérito Imperfeito do Subjuntivo + Infinitivo (01)	Pretérito Perfeito do Indicativo	05	4.80
7.	Infinitivo Pessoal	Pretérito Perfeito do Indicativo	05	4,80
8.	Pretérito Imperfeito do	Pretérito Perfeito do	05	4,80

	Subjuntivo			Indicativo				
9.	Presente do Indicativo			Pretérito	Perfeito	do	04	3.84
				Indicativo				
10.	Pretérito	Imperfeito	do	Presente do Indicativo			04	3.84
	Subjuntivo							
11.	Pretérito	Perfeito	do	Presente do Indicativo			04	3.84
	Indicativo							
12.	Futuro do Subjuntivo			Infinitivo Pessoal			03	2.88
13.								
14.	Pretérito	Perfeito	do	Pretérito	Perfeito	do	03	2.88
	Indicativo			Indicativo				
15.	Pretérito	Imperfeito	do	Futuro do Pretérito			03	2.88
	Subjuntivo							
16.	Pretérito	Imperfeito	do	Pretérito	Perfeito	do	02	1.92
	Indicativo			Indicativo				
17.	Locução Verbal – Pretérito			Pretérito	Imperfeito	do	02	1.92
	Imperfeito do Subjuntivo +			Indicativo				
	Particípio (01) e Presente do							
	Indicativo + Infinitivo (01)							
18.	Pretérito	Imperfeito	do	Presente do Indicativo			02	1.92
	Indicativo							
19.	Locução Verbal – Futuro do			Locução Verbal – Pretérito			02	1.92
	Pretérito + Infinitivo (01) e			Perfeito do Indicativo +				
	Futuro do Subjuntivo +			Particípio (01) e Presente				

	Infinitivo (01)			do Indicativo + Gerúndio			
				(01)			
20.							
21.	Futuro do Subjuntivo	Pretérito	Perfeito	do	02	1.92	
				Indicativo			
22.	Infinitivo Pessoal	Pretérito	Imperfeito	do	01	0.96	
				Indicativo			
23.	Futuro do Subjuntivo	Pretérito	Imperfeito	do	01	0.96	
				Indicativo			
24.	Pretérito	Perfeito	do	Pretérito	Imperfeito	do	01
	Indicativo			Indicativo			0.96
25.	Pretérito	Mais Que Perfeito	do	Pretérito	Perfeito	do	01
	do Indicativo			Indicativo			0.96
26.	Futuro do Subjuntivo			Apódose Sem Verbo		01	0.96
27.	Pretérito	Imperfeito	do	Locução Verbal – Pretérito		01	0.96
	Subjuntivo			Imperfeito do Indicativo +			
				Infinitivo			
28.	Pretérito	Perfeito	do	Gerúndio		01	0.96
	Indicativo						
29.	Futuro do Subjuntivo			Locução Verbal – Presente		01	0.96
				do Indicativo + Infinitivo			
30.	Pretérito	Imperfeito	do	Locução Verbal – Pretérito		01	0.96
	Indicativo			Imperfeito do Indicativo +			
				Infinitivo			

31.	Infinitivo Pessoal		Infinitivo Pessoal		01	0.96
32.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo		Pretérito Imperfeito do Indicativo		01	0.96
	TOTAL				104	100

**Tabela 9 – Correlações modo-temporais na estrutura “Se p aí q” na fala.**

Na estrutura “Se p aí q” na modalidade falada da língua observou-se que, assim como na condicional com “então”, a correlação que predomina nas ocorrências é presente do indicativo-presente do indicativo com 14 ocorrências, ou seja, 13.46% das 104 ocorrências e futuro do subjuntivo-presente do indicativo, com 10 ocorrências, um total de 9.61% dos dados.

A estrutura “Se p então q” na modalidade escrita da língua foi a condicional que mais apresentou variação no que se refere às correlações modo-temporais, identificou-se 38 correlações diferentes, detectadas em 100 ocorrências:

“Se p então q” – Escrita						
QTD.	PRÓTASE		APÓDOSE		Sub	%
					Total	
1.	Presente do Indicativo		Presente do Indicativo		20	20
2.	Futuro do Subjuntivo		Presente do Indicativo		12	12
3.	Presente do Indicativo		Apódose Sem Verbo		05	05
4.	Pretérito Imperfeito do	Pretérito Imperfeito do			05	05

	Subjuntivo			Indicativo				
5.	Pretérito	Perfeito	do	Pretérito	Perfeito	do	05	05
	Indicativo			Indicativo				
6.	Infinitivo Pessoal			Futuro	do presente	do	04	04
				Indicativo				
7.	Infinitivo Pessoal			Presente do Indicativo			04	04
8.	Futuro do Subjuntivo			Futuro	do Presente	do	04	04
				Indicativo				
9.	Infinitivo Pessoal			Presente do Subjuntivo			03	03
10.	Presente do Indicativo			Locução Verbal – Presente			03	03
				do Indicativo + Infinitivo				
11.	Pretérito	Imperfeito	do	Futuro do Pretérito			03	03
	Subjuntivo							
12.	Presente do Indicativo			Pretérito	Perfeito	do	02	02
				Indicativo				
13.	Presente do Indicativo			Presente do Subjuntivo			02	02
14.	Pretérito	Perfeito	do	Pretérito	Imperfeito	do	02	02
	Indicativo			Indicativo				
15.	Pretérito	Imperfeito	do	Presente do Indicativo			02	02
	Subjuntivo							
16.	Pretérito	Perfeito	do	Presente do Indicativo			02	02
	Indicativo							
17.	Futuro	do Presente	do	Locução Verbal – Presente			01	01
	Indicativo			do Indicativo + Infinitivo				

18.	Infinitivo Pessoal	Locução Verbal – Presente do Indicativo + Infinitivo	01	01
19.	Futuro do presente do Indicativo	Futuro do Presente do Indicativo	01	01
20.	Infinitivo Pessoal	Infinitivo Pessoal	01	01
21.	Prótase sem verbo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	01	01
22.	Presente do Indicativo	Futuro do Pretérito	01	01
23.	Futuro do Subjuntivo	Pretérito Mais Que Perfeito do Indicativo	01	01
24.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Locução Verbal – Pretérito Imperfeito do Subjuntivo + Infinitivo	01	01
25.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	01	01
26.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Apódose Sem Verbo	01	01
27.	Presente do Indicativo	Futuro do Presente do Indicativo	01	01
28.	Presente do Indicativo	Infinitivo Pessoal	01	01
29.	Presente do Indicativo	Particípio	01	01
30.	Infinitivo Pessoal	Apódose Sem Verbo	01	01
31.	Infinitivo Pessoal	Pretérito Mais Que Perfeito do Indicativo	01	01

32.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Pretérito Perfeito do Indicativo	01	01
33.	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito do Indicativo	01	01
34.	Pretérito Mais Que Perfeito do Indicativo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	01	01
35.	Futuro do Subjuntivo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	01	01
36.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Apódose Sem Verbo	01	01
37.	Infinitivo Pessoal	Pretérito Perfeito do Indicativo	01	01
38.	Pretérito Perfeito do Indicativo	Locução Verbal – Pretérito Imperfeito do Indicativo + Particípio	01	01
TOTAL			100	100

**Tabela 10 – Correlações modo-temporais na estrutura “Se p então q” na escrita.**

A correlação modo-temporal mais atualizada pela condicional “Se p então q” na escrita foi presente do indicativo-presente do indicativo, a qual manifestou-se em 20 ocorrências, ou seja, 20% das ocorrências e futuro do subjuntivo-presente do indicativo, com 12 ocorrências, o que corresponde a 12% das estruturas encontradas observadas na modalidade escrita.

Na modalidade escrita da língua, a estrutura “se p, aí q” manifestou 15 correlações modo-temporais:

“Se p aí q” - Escrita				
QTD.	PRÓTASE	APÓDOSE	Sub	%
			Total	
1.	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo	10	25
2.	Futuro do Subjuntivo	Presente do Indicativo	05	12,5
3.	Infinitivo Pessoal	Presente do Indicativo	04	10
4.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	04	10
5.	Presente do Indicativo	Apódose Sem Verbo	03	7.5
6.	Presente do Indicativo	Locução Verbal – Presente do Indicativo + Infinitivo (02) e Futuro do Presente + Infinitivo (01)	03	7,5
7.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Apódose Sem Verbo	02	5
8.	Infinitivo Pessoal H	Locução Verbal – Presente do Indicativo + Infinitivo	01	5
9.	Futuro do Subjuntivo	Futuro do presente do Indicativo	01	2.5
10.	Pretérito Imperfeito do	Pretérito Perfeito do	01	2.5

	Subjuntivo	Indicativo				
11.	Futuro do Pretérito	Futuro do Pretérito			01	2.5
12.	Presente do Indicativo	Pretérito	Perfeito	do	01	2.5
		Indicativo				
13.	Presente do Indicativo	Infinitivo Pessoal			01	2.5
14.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Presente do Indicativo			01	2.5
15.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo			01	2.5
16.	Infinitivo Pessoal	Presente do Indicativo			01	2.5
	TOTAL				40	100

Tabela 11 – Correlações modo-temporais na estrutura “Se p aí q” na escrita.

A correlação modo-temporal manifestada com maior frequência foi presente do indicativo-presente do indicativo, como em:

- (41) *Não estou levantando suspeitas sobre ninguém. Mas fica a interrogação para que se tenha, pelo menos, mais cuidado ao acusar terceiros. Estado - Há alguma coisa que o senhor veja de positivo no Judiciário? ACM - O STF é um tribunal de homens honrados, que não pratica o nepotismo. Isto é louvável, pois não acontece em outros tribunais, mesmo superiores, e sobretudo nos estaduais. Eu não censuraria se um juiz tivesse como seu auxiliar um filho altamente capaz, mas quando SE tem dois, três ou mais parentes próximos no gabinete, AÍ já se arma um nepotismo vergonhoso e sobretudo um arcabouço para a corrupção.*

*Estado - De tão freqüentes, essas divergências entre os Poderes podem se transformar numa crise de verdade? ACM - As farpas que trocam o presidente da República com o presidente do Supremo, por culpa deste, não são úteis ao regime democrático. Que o Supremo julgue os atos do presidente quando estes forem a julgamento, tudo bem. Mas não é certo o presidente da República ficar todos os dias ouvindo frases nem sempre de bom (19Or:Br:Intrv:ISP)*

De um total de 40 ocorrências dessa condicional na língua escrita, observou-se 10 ocorrências que realizaram-se por meio dessa correlação, o que equivale a 25% das ocorrências encontradas e igualmente as outras estruturas e modalidades, a correlação futuro do subjuntivo-presente do indicativo apareceu em 5 ocorrências, ou sejam 12,5% dos dados, como em:

(42) *dos empréstimos pessoais, no mercado financeiro,tiveram uma elevação muito maior. " As restrições ao crédito e as taxas de juros empurram os clientes para cá. Aqui, mesmo com esta elevação, as taxas são bem menores ", disse Blunck. Mesmo com o aumento, a vendedora de jóias Hilda Ramos, 37 anos, penhorou, ontem, uma corrente de ouro avaliada em R\$ 135,00. O valor líquido recebido foi de R\$ 102,00. # " As pessoas pensam que um ponto percentual não é nada, mas SE for feita uma comparação com a inflação, AÍ se percebe que o peso é grande. Quando você vem aqui, já está determinado a fazer a operação. Então, penhora a*

*jóia de qualquer jeito ", reclama. Hilda explica que o valor recebido servirá para pagar os juros de outras jóias que estão penhoradas no local, sem que ela possa retirá-las. # Outra que decidiu recorrer a Caixa, mesmo com a elevação dos juros, foi Dalva Maria Fernandes, 48 anos. Para saldar um débito de uma conta telefônica, ela resolveu penhorar seu (19N:Br:Recf)*

Vê-se, assim, que independentemente do tipo de estrutura ou do texto, o presente do indicativo é o tempo favorito para marcar a prótase. Esse dado era de certa forma esperado uma vez que as condicionais factuais são mais frequentes. Acredita-se que este fato esteja ligado ao significado da condicional, que expressa uma relação de condição necessária, mais restritiva e mais forte, o que se acentua pelo uso de tempos que indicam noções como certeza, factualidade, realidade.

Seguido do presente do indicativo, as prótases tendem a manifestarem por meio do futuro do subjuntivo. Sabe-se que o subjuntivo expressa dúvida, incerteza, possibilidade, ou ainda, eventualidade. É o Subjuntivo o modo do verbo que apresenta o processo verbal como duvidoso, ou possível, ou como simples desejo. Portanto, exprime uma ocorrência futura possível, eventual, por isso, ocorre com certa frequência nas construções condicionais.

As correlações pretérito imperfeito do subjuntivo manifestaram-se com menor frequência com relação as correlações referidas anteriormente. Ainda menos frequentes são as correlações construídas com o futuro do subjuntivo. Conforme Said Ali (1964), o imperfeito do subjuntivo está presente nas ocorrências que se relacionam a fatos inexistentes ou improváveis, vejamos no exemplo abaixo:

(43) *olhava a cena com secreta alegria. Briga de mulheres era uma coisa baixa, quase sempre abjeta; mas, ainda assim, a atraía, irresistivelmente. - O que é que a senhora quer dizer com isso? - Se você fosse mulher, teria vergonha - está ouvindo? -, vergonha de ser abandonada assim pelo marido, na primeira noite do casamento! - Vergonha, eu? - Vergonha, sim. - Eu não gosto do seu filho. Por mim, ele pode desaparecer, quantas vezes quiser. Tanto faz. SE eu gostasse, AÍ era diferente! - Pois olhe, minha filha: quando eu era moça, se me acontecesse uma coisa dessas.. - O que é que a senhora fazia? - Se meu marido me abandonasse na primeira noite, eu nem sei, meu Deus! Ia ter vergonha de mim mesma. Ia achar que meu corpo era horrível. Ia achar que não era mulher; não era coisa nenhuma. - Pois eu sou! - Você ainda diz " eu sou "! Se você fosse, pensa que (19:Fic:Br:Rodriguez:Destino)*

No exemplo (43), por meio da escolha do imperfeito do subjuntivo o falante demonstra que somente se a mulher gostasse do seu marido, sua atitude com relação a ele seria diferente. Nessa ocorrência, por meio da escolha temporal fica subentendido que muito provavelmente o fato de ela gostar do marido não existe ou é muito pouco provável.

As condicionais que apresentam referência futura tanto na prótase quanto na apódose, podem ser explicadas pela colocação de Said Ali (1964), articulado por Hirata (1999), o qual explica que esse tempo verbal codifica o significado de algo que é

esperado ou possível de acontecer, que é considerado o significado base das condicionais. No exemplo a seguir, fica clara a ideia de possibilidade ou espera de que algo poderá ocorrer:

(44) *para mandato ou é um cargo de confiança do Governador? O Ouvidor-Geral é a mesma coisa. Obviamente Se ele quer conhecer como é que anda o serviço público no Ceará ele vai nomear uma pessoa que seja de confiança dele. OP - A oposição defendia uma regulamentação da Ouvidoria para que ela tivesse mais autonomia? SF - O que está havendo é uma grande confusão. Quem criou a Ouvidoria não foi o Governo do Estado? Então a Ouvidoria é do Governo do Estado. Agora, SE a sociedade civil, uma organização não governamental quiser criar uma Ouvidoria AI sim será separada do Estado. Mas agora foi o Governo que resolveu criar para saber a quantas anda o serviço público. Não existe mandato. Até que eu mereça a confiança do Governador eu ficarei no cargo. OP - Mas a senhora tem autonomia, independência para fazer críticas ao Governo? SF – Se for necessário as críticas terão que ser indicadas de forma clara e terão que ser levadas ao conhecimento do Governador. Por que o papel do Ouvidor? Você a de convir que o Governador não tem (19Or:Br:Intrv:Pov)*

Nesse sentido, por meio da escolha modo-temporal que o falante do exemplo acima fez, é possível depreender que a condicional “**SE** a sociedade civil, uma organização não governamental quiser criar uma Ouvidoria **AI** sim será separada do Estado” expressa uma informação a qual é possível de acontecer ou que ao menos é esperada que aconteça por parte de quem fala.

Por outro lado, as ocorrências que manifestam presente ou pretérito do indicativo na condicional são evidenciadas por Said Ali (1964), como sendo as condicionais que expressam fatos que existem em um momento presente ou que existiram em um momento anterior. Vejamos nos exemplos a seguir:

(45) *ah minha mãe:: na hora/ quando eu/ eu falei não acreditou muito mas... depois que ela viu que eu tava in/ indo de mala e cuia vamos dizer assim né? ela acabo::u... vendo que era verdade que eu tava bem dizer tomando (minha) decisão na vida né?... e... num falou nada ela falou se era aquilo que eu queria mesmo então::... que fosse aqui/ se era aquela minha decisão ela me/ não (ia) atrapalhar se era aquilo que eu queria então... **SE** era o que eu tava decidido fazer... **ENTÃO** era prá mim ter/ tomar passo adiante mas (inint.) ficou tudo certo então foi o que eu fiz... mas foi bom enquanto durou... (AC-029;NE: L 42-48)*

(46) *Inf.: assim pega a bola normal e taca se a pessoa pegar ((ruído)) agarrar e segurar sem cair no chão... ela num tá queimada... Se ela:: pega a bola escapa e a outra pega... e assim salva a bola pega não deixa*

*pingar no chão... num tá queimada do mesmo jeito... mas SE a outra...pega e escapa e a outra pessoa não pega AÍ as duas tá queimada... é duas a mais... ahm SE a/ uma pessoa não sal/ num salva a bola da outra é só ela que tá queimada...*

*Doc.: tem alguma coisa/ tem algum outro esporte? (AC-014;RP;L255-265)*

Nos exemplos acima, o falante demonstra nas condicionais “**SE** era o que eu tava decidido fazer...” e “**SE** a outra...pega e escapa e a outra pessoa não pega”, por meio dos tempos e modos verbais utilizados, que as apódoses “**ENTÃO** era prá mim ter/ tomar passo adiante” e “**AÍ** as duas tá queimada...”, existe no momento da fala ou ao menos existiu em um momento anterior ao momento da fala.

É importante ressaltar que o tempo verbal que predomina entre modalidades da língua e nas duas correlativas analisadas é o presente do indicativo, tanto na prótase quanto na apódose. Essa referência verbal codifica a factualidade, que se pensando em grau de hipoteticidade, confere a condicional uma maior probabilidade de ocorrência. Diante disso, considera-se que no âmbito das condicionais correlativas hipotéticas predomina a factualidade.

## 5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa demonstra, entre outros fenômenos, a dinamicidade da linguagem, sua multiplicidade de funções e de significados, os quais se atualizam a cada uso. Portanto, a referida pesquisa visa demonstrar o caráter dinâmico, maleável e até mutável da linguagem, o qual é uma característica inerente a todas as línguas naturais.

Nossas análises evidenciam que as construções condicionais manifestam sentidos diferentes e específicos em determinados contextos e atendem a propósitos comunicativos específicos, portanto, não podem ser consideradas como equivalentes às construções condicionais tidas como canônicas. Sendo assim, é fundamental reconhecer que a relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário é apenas mediada e não estabelecida pela expressão linguística. Por esse motivo, a interpretação será apenas em parte baseada na informação codificada pela expressão linguística. Portanto, tem-se que o reconhecimento da não-singularidade (não é só o linguístico que é relevante) na classificação das construções é indispensável

Como postulou Neves (2012), não há fronteiras claramente delimitadas entre as categorias analisadas, mas é possível uma minimização do valor das fronteiras, pois a língua tem sua função atualizada a cada interação. O que as análises demonstram, portanto, é uma tendência recorrente não só no português do Brasil, como em várias outras línguas, do uso de construções semelhantes, mas que, a depender do contexto, expressam funções e sentidos específicos de um determinado uso e aceitar isso é considerar que em tais construções encontra-se a multifuncionalidade dos itens.

Diante do exposto, no âmbito de uma teoria funcional, e de acordo com Neves (2012), defende-se que estabelecer uma compartimentação rígida de entidades

gramaticais é desprezar a compreensão da real complexidade das relações que se estabelecem na linguagem, no cumprimento de suas funções. Desse modo, uma gramática da língua deve mostrar as singularidades dessa língua, seu caráter indeterminado, adaptável e sempre emergente.

Defende-se a existência de um sistema gramatical único para ambas as modalidades da língua, que, no entanto, apresenta suas especificidades de uso. Assim, compartilhamos da afirmação de Neves (2012) a qual argumenta que língua falada e língua escrita são metodologicamente comparáveis, pois, o fato de apresentarem suas peculiaridades de uso, não implica em propor uma dicotomia. Em alguns momentos percebe-se que fala e escrita são intercambiáveis. Por isso, compreende-se que há um *continuum* entre a língua falada e a língua escrita, as quais não constituem de duas modalidades nitidamente isoláveis.

A seguir, são apresentadas as considerações as quais chegamos a partir dos resultados das análises, por meio dos quais é possível estabelecer uma descrição do uso e funcionamento das construções condicionais correlativas no português do Brasil.

Segue abaixo um quadro resumo do comportamento das construções condicionais correlativas no Português brasileiro:

	CARACTERIZAÇÃO DAS CONDICINAIS NO PORTUGUÊS			
	PORTUGUÊS FALADO		PORTUGUÊS ESCRITO	
PARÂMETRO	“Se p então q”	“Se p aí q”	“Se p então q”	“Se p aí q”
Grau de Hipoteticidade	Eventual	Eventual	Eventual	Eventual
Domínio de atuação	Conteúdo/Epistêmico	Conteúdo/Epistêmico	Conteúdo/Epistêmico	Conteúdo/Epistêmico
Posição	Anteposta	Anteposta	Anteposta	Anteposta

<b>Tempo e modo da condicional</b>	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo
<b>Tempo e modo da núcleo</b>	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo

**Tabela 12 – Caracterização das condicionais correlativas no português**

Tanto na língua falada quanto na língua escrita as condicionais com estrutura SE-ENTÃO e aquelas com estrutura SE-AÍ realizam-se com maior frequência como factuais, ou seja, como orações que apresentam maior probabilidade de realização. Esses dados contestam o que Hirata (1999) mostra em sua pesquisa, ou seja, o fato de que as prótases tendem a ser não-factuais, independentemente da posição em que ocorrem: antepostas, pospostas ou intercaladas em relação à núcleo. De acordo com a autora, os tipos de condicionais mais comuns são as condicionais eventuais, seguidas pelas factuais e contrafactuais.

Acredita-se que essa diferença se deva, exatamente, ao valor bicondicional que esse tipo de condicional manifesta. Uma vez que nessas condicionais a situação condicionante é restritiva, implicando que a condição descrita é a única condição em que valida a oração principal, esse efeito parece se completar na codificação da condicional como factual. Desse modo, acentua-se, ainda mais, a força da relação entre a condicional e a oração núcleo, tornando, portanto, a relação entre as orações mais estreita.

As condicionais correlativas realizam-se de modo semelhante no que diz respeito à frequência de ocorrência dos domínios. Assim, ambas as estruturas atualizam-se por meio do domínio de conteúdo. Nesse domínio, a oração condicional causa o

evento descrito na oração núcleo, estabelecendo, portanto, uma relação de causa-efeito.

Com menor frequência, as condicionais correlativas atualizam os tipos discutidos como atos de fala e metatextual. Nesses domínios, semelhantemente, a relação construída aí é de relevo pragmático, e, por isso mesmo, se apresentam com traços da relação lógico-semântica bastante frouxos, uma vez que a relação de causalidade está bem diluída. Nas condicionais dos atos de fala, nota-se que a condicional constrói uma situação hipotética em que é relevante enunciar o ato veiculado pela oração condicional.

Nota-se que as condicionais correlativas comportam-se de modo bastante semelhante às condicionais prototípicas. Nelas também são mais frequentes as condicionais de conteúdo e epistêmicas. Orações condicionais prototípicas servem para ligar enunciados numa relação de causalidade, como se nota nas orações de conteúdo e nas epistêmicas. Daí é mesmo de se esperar que condicionais de atos de fala e as metatextuais, em que essa relação de causalidade se perdeu, sejam menos frequentes. Esse tipo de uso é bastante marcado e serve para cumprir funções pragmáticas específicas.

Quanto à ordem, nas orações correlativas hipotéticas, a única possibilidade de ordenação das orações é a prótase preceder a apódose, ou seja, a anteposição, já que a inversão dessa ordem levaria uma sentença inadequada do ponto de vista semântico ou pragmático. Acredita-se que ordem das orações é iconicamente motivada, pelo fato de as orações se ordenarem segundo uma sequência temporal, ou segundo uma relação de causa e efeito. Essa mesma tendência de ordenação icônica das orações condicionais talvez se explique pelo fato de a oração condicionante tender a preceder a oração condicionada. Além disso, há ainda o fato de que a oração principal também vem

marcada por uma conjunção que indica conclusão. Acredita-se que também este fato favorece a anteposição. Uma vez que a conclusão vem marcada, tornando-se mais evidente, é de se esperar que se respeite à ordem de sucessão dos eventos.

No que tange ao tempo e modo verbal da oração núcleo e da oração condicional, evidenciou-se que o aspecto particular do conhecimento do falante é codificado, também, pelas formas verbais utilizadas. Nas condicionais correlativas hipotéticas “SE-ENTÃO” e “SE-AÍ” predomina o presente do indicativo em ambas as modalidades da língua. Neves (2012) aponta que o presente do indicativo confere facticidade à construção.

Vê-se, assim, que independentemente do tipo de estrutura ou do texto, o presente do indicativo é o tempo preferido para marcar a prótase e a apódose. Esse dado era de certa forma esperado uma vez que as condicionais factuais são mais frequentes. Acredita-se que este fato esteja ligado ao significado da condicional, que expressa uma relação de condição necessária, mais restritiva e mais forte, o que se intensifica pelo uso de tempos que indicam noções como certeza, facticidade, realidade.

Essa referência verbal codifica a facticidade, que, em termos do grau de hipoteticidade, confere a condicional uma maior probabilidade de ocorrência. Diante disso, considera-se que no âmbito das condicionais correlativas hipotéticas predominam sentenças factuais.

Portanto, por meio de nossas análises, ficou evidente que as condicionais correlativas hipotéticas manifestam-se diferentemente das condicionais tidas como canônicas, tratando-se, assim, de um tipo específico de condicional. A diferença não somente estrutural, mas também semântica, pelo fato de que as construções condicionais correlativas em estudo manifestam-se por meio dos correlativos “então” e

“ai”.

Conforme exposto por meio das análises, essas estruturas com os correlativos “então” e “ai” apresentam uma diferença significativa no sentido das condicionais na medida em que evidenciam o valor bicondicional, o qual não está necessariamente presente nas condicionais canônicas. Nas condicionais correlativas a condição descrita é a única condição que valida a oração principal. Isso faz com que o elo entre a condicional e a oração núcleo seja ainda mais forte, tornando, portanto, a relação entre as orações mais estreita.

Diante do exposto, considera-se que as condicionais correlativas manifestam sentidos diferentes e específicos em determinados contextos e atenderem a propósitos comunicativos específicos. Portanto, as condicionais canônicas e as condicionais correlativas não podem ser consideradas como equivalentes.

## 6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. B. S. **Subjetividade e intersubjetividade em construções condicionais do português brasileiro**. 2013, 74f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.
- BRAGA, M. L. **Aí e então em expressões cristalizadas**. Cad.Est.Ling., Campinas, (44):169-177, Jan./Jun. 2003.
- BUTLER, C. S. Functionalism, structural functionalism and structural-functional grammars: An examination of six approaches to language. In: \_\_\_\_\_. **Structure and function: a guide to three major structural-functional theories**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins. 2003, p. 54-83.
- BUTLER, C. S. Functionalist approaches to language. In: \_\_\_\_\_. **Structure and function: a guide to three major structural-functional theories**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins. 2003, p. 22-53.
- BYBEE, J. **LANGUAGE, USAGE AND COGNITION**. Cambridge University Press, New York, 2010.
- DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. Non-alternatives and alternatives: mental spaces in different domains. In: \_\_\_\_\_. **Mental spaces in Grammar: conditional constructions**. New York: Cambridge University Press. 2005, P. 110-140.
- DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. Tense, epistemic distance, and embedded spaces. In: \_\_\_\_\_. **Mental spaces in Grammar: conditional constructions**. New York: Cambridge University Press. 2005, P. 56-78.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. **Then in conditional constructions**. Cognitive Linguistics 8-2, 1997, p. 109-136.

DELANCEY, S. Lecture 1: On functionalism. In: \_\_\_\_\_. **Lectures on functionalism syntax**. University of Oregon, 2000.

FERRARI, L. V. **Construções gramaticais e a gramática das construções condicionais**. Scripta (PUCMG), PUC Minas, v. 5, n.9, p. 143-150, 2001.

FERRARI, L. V. **Modalidade e Condicionalidade no Português do Brasil**. Recorte (Três Corações), v. 3, p. 9, 2005.

FERRARI, L. V. **Modelos de Gramáticas em Linguística Cognitiva: Princípios Convergentes E Perspectivas Complementares**. Cadernos de Letras da UFF, v. 41, p. 146-166, 2010.

FERRARI, L. V. **Os parâmetros básicos da condicionalidade na visão cognitivista**. Veredas (UFJF), JUIZ DE FORA, v. 4, n.6, p. 21-30, 2000.

FERRARI, L. V. **Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional**. Veredas (UFJF), Juiz de Fora, v. 3, n.4, p. 115-128, 1999.

GORSKI, E. A **(não)realização do sujeito e a integração de orações**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 161-173, 2º sem. 2001.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. The architecture of language. In: \_\_\_\_\_, 3ª Edição. **An introduction a functional Grammar**. Londres: Arnold. 2004, p. 03-31.

HIRATA, F. B. M. **A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil**. 1999, 210f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua

Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

HIRATA-VALE, F. B. M. **A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático.** 2005, 158f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

HIRATA-VALE, Flávia B. M. . **A condicionalidade em construções paratáticas: um uso argumentativo.** Estudos Linguísticos (São Paulo), v. 37, p. 204-213, 2008.

HIRATA-VALE, Flávia B. M. . O conectivo condicional complexo supondo que: história e uso. In: Débora de Carvalho Figueiredo; Adair Bonini; Maria Marta Furlanetto; Maria Ester Moritz. (Org.). **Sociedade, cognição e linguagem.** 1ed. Florianópolis: Editora Insular, 2012, v. , p. 381-402.

HIRATA-VALE, Flávia B. M. ; OLIVEIRA, T. P. . **Uma tipologia da oração condicional segundo a Gramática Discursivo Funcional.** Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 40, p. 196-206, 2011.

HIRATA-VALE, Flávia B. M. ; OLIVEIRA, T. P. **Modelos e Métodos de Análise Funcionalista.** In: Adair Vieira Gonçalves; Marcos Lucio Goés. (Org.). Ciências da Linguagem: o fazer científico?. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2014, v. 1, p. 1-30.

HIRATA-VALE, Flávia B. M. ; OLIVEIRA, T. P. **Orações correlativas hipotéticas do português.** ABRALIN (Curitiba), v. 2, p. 250-270, 2011.

HOPPER, P., TRAUGOTT, E. C. From propositional to textual and expressive Meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In:\_\_\_\_\_ . **Grammaticalization.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 245-271.

JESUS, I. T.; MIRANDA, N. S. **Construções condicionais proverbiais: uma abordagem sociocognitiva da questão da composicionalidade.** VEREDAS - Rev. Est. Ling, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.263-277, jan./dez. 2003.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática.** Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, v. , p. 17-28.

KORTMANN, B. The grammatical category of adverbial subordinators: some initial general tendencies. In\_\_\_\_\_. **Adverbial Subordinators in the Languages of Europe: A Typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages.** Berlin ; New York : Mouton de Gruyter. 1996, p. 101-108.

KORTMANN, B. Theoretical foundations. In\_\_\_\_\_. **Adverbial Subordinators in the Languages of Europe: A Typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages.** Berlin ; New York : Mouton de Gruyter. 1996, p. 11-28.

LINDE, C. **Constraints on the Ordering of If-Clauses.** Proceedings of the 2nd Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society (1976), pp. 280-285.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) **Gêneros textuais & ensino.** Rio de Janeiro : Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARTELOTTA, M. E.; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. R. de. (Org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas.** São Paulo: Contexto, 2012. P. 86-106.

NEVES, M. H. M. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NEVES, M. H. M. **Uma visão geral da gramática funcional**. Alfa, São Paulo, 38: 109-127,1994

OLIVEIRA, M. R. Tendências atuais da Pesquisa Funcionalista. In.: SOUZA, E. R. (Org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 133-152.

OLIVEIRA, T. P. **As bases conceituais dos conectores condicionais em português**. 2014. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

OLIVEIRA, T. P. As conjunções condicionais na Gramática Discursivo-Funcional. In: Edson Rosa Francisco de Souza. (Org.). **Funcionalismo Linguístico**. Análise e descrição.. 1ed.São Paulo: Contexto, 2012, v. 2, p. 119-146.

OLIVEIRA, T. P. **As orações condicionais como estratégias de polidez e ameaça**. In: III Congresso Internacional da ABRALIN, 2003, Rio de Janeiro. Anais do III Congresso Internacional da Abralín, 2003. p. 361-367.

OLIVEIRA, T. P. **Condicionais, atenuação e polidez: um estudo das**. Alfa : Revista de Linguística (UNESP. São José do Rio Preto. Impresso), Sao Paulo, v. 49, n.1, p. 123-137, 2005.

OLIVEIRA, T. P. **Se não me engano está se gramaticalizando?**. Alfa (ILCSE/UNESP), v. 52, p. 179-193, 2008.

PEZATTI , E. P. **Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre tema, tópico e foco**. Alfa, São Paulo, 42: 133-150, 1998.

PEZATTI, E. G. **O ADVÉRBIO ENTÃO JÁ SE GRAMATICALIZOU COMO CONJUNÇÃO?** DELTA vol.17 no.1 São Paulo 2001.

PEZATTI, E.G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 165-218.

SILVA, A. S. **A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística**. Revista Portuguesa de Humanidades, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.

SOUSA, Gisele Cassia. **Se tempo fosse condicao...: um estudo das estruturas de tempo e de condicao no portugues oral brasileiro**. 2003, 172f . Dissertacao (Mestrado em Estudos Linguisticos) Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociencias, Letras e Ciencias Exatas, Sao Jose do Rio Preto.

THOMPSON, S. A. 1985. **Grammar and written discourse: initial vs. final purpose clauses in English**. Text 5, 55-84.

TRAUGOTT, E. C.; KORTMANN, B. **Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization**. Editado por Kristin Davidse, Lieven Vandelanotte, Hubert Cuyckens. Berlin/New York, 2010.